O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 9 DE JANEIRO DE 1910 | Nº 1:342

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos & Criticas

Andam os bandoleiros a berrar que estamos fazendo propositadamente o jogo da reacção. Miseraveis! Miseraveis! Como se não viessemos dizendo ha trinta annos, do partido republicano e dos seus homens, o que, com pequena differença, a differença das circumstancias e do tempo, estamos dizendo actualmente. Como se desde a subida de João Franco não viessemos prevendo, não viessemos prophetisando, a queda tremenda, pela sua politica imbecil, do partido republicano. Como se desde a morte do rei não viessemos castigando esse crime com toda a energia e indignação da nossa alma revoltada, e accusando os bandidos da politica de mais responsaveis nos actos imputados ao rei que o proprio rei!

Miseraveis! Miseraveis!

No primeiro numero do *Povo de Aveiro* que se publicou após a subida de João Franco ao poder, de 20 de maio de 1906, diziamos nós:

A situação dos republicanos é muito melindrosa, e, por isso mesmo, a sua conducta tem de ser muito habil. Nem fanfarronada, nem medo. Nem avançar de mais, nem recuar. Um passo em falso, para traz ou para deante, pode colloca-los em pessimo terreno. Se tivessem forças para um acto revolucionario immediato, seria muito facil a conducta a seguir. Mas não teem. E, n'esse caso, é forçoso medir o alcance de tudo. Jogo seguro!

Não devemos commetter actos de inhabilidade ou de fraqueza, que nos façam perder a posição que ganhámos. Nem imprudencias, que deem pretexto justificado a violencias do poder, collocando a monarchia em bom terreno. „

Isto logo que João Franco foi ao poder! Isto no primeiro numero do *Povo de Aveiro* a seguir publicado!

Oito dias depois, no *Povo de Aveiro* de 27 de maio de 1906, continuavamos:

Ninguem tem combatido João Franco mais do que nós. Ninguem o combaterá amanhã, sendo necessario, como suppomos bem que será, com mais energia do que nós. Mas desatar a dar-lhe bordoada de cego desde já, é continuar aquella politica inhabil, que, por mais do que uma vez, tanto tem compromettido os republicanos.

Esperemos. Ou elle cumpre as suas promessas, e não teremos nada a perder, ou não as cumpre, e terá chegado o momento de tudo ganharmos. „

Esta era a unica politica, canalhas, bandidos, miseraveis, digna d'um homem, d'um cidadão, d'um portuguez, d'um democrata, digna d'um partido de homens, de cidadãos, de portuguezes, de democratas. E eramos nós o **unico republicano que em Portugal a sustentava.** Canalhas! Bandidos! Miseraveis!

Oito dias depois, no *Povo de Aveiro* de 3 de junho de 1906, quando era já tremenda a gritaria da repugnante quadrilha contra João Franco, continuavamos:

Não comprehendemos a perturbação que se apoderou dos republicanos, e que as suas gazetas deixam transparecer tão nitidamente. Parece que teem medo — e é esse o argumento dos franquistas — que João Franco lhes *roube alguma coisa*. E' este o argumento dos franquistas e foi-o sempre. *Vocês combatem tão violentamente o João Franco*, diziam elles, *porque a ascenção de João Franco fará retrogradar notavelmente a republica*. Ora não era assim. Nós combatiamos violentamente João Franco — pelo menos era esse, n'este *Povo de Aveiro*, o nosso motivo exclusivo — por elle ser o mais feroz representante do auctoritarismo, por ter a responsabilidade dos mais tremendos attentados contra as liberdades publicas. *No dia em que você desmentir esse passado, então a nossa attitude será outra. Por ora você não passa de cantigas. E cantigas não convencem ninguem.*

Este era, repetimos, o nosso ponto de vista.

Mas chegou agora o momento dos *factos*. Desmente o homem, com *factos*, o seu passado? Entra no caminho das liberdades e da legalidade? Ou entra, ou não entra. Se entra, era o que os republicanos *pediam*. Temos algum motivo para nos assustar, para nos perturbar, para investir com o homem, desde já, como possessos? Não. Isso só faz um partido *sem principios*. Isso só faz um partido *sem força*, a força da razão, a força da opinião.

Temos amor dos principios? Temos força? Pois bem. E' agora, attendam, a melhor occasião de o provar.

Temos-nos fartado de pedir liberdade. Temos-nos fartado de dizer, nos nossos comicios, nos nossos jornaes, que nos contentamos, momentaneamente, com a reconquista das liberdades que a monarchia nos roubou. Olhem que a nossa propaganda dos ultimos tempos tem toda consistido n'isso. Se for preciso, traremos a lume tudo quanto a esse respeito teem dito e escripto os republicanos de Lisboa. E depois verão. Ora podemos, nesses casos, estar a fazer um alarido medonho porque João Franco parece disposto a conceder-nos aquillo ou parte d'aquillo que, com tanta insistencia, temos reclamado? Podemos dar ao paiz a impressão de que estamos *com medo* de João Franco nos tirar força e prestigio executando as suas promessas?

Não, alminhas do Senhor. E por tres motivos. Primeiro, porque a attitude de João Franco, como a do rei, não é mais do que o resultado da influencia da propaganda e força dos republicanos. Segundo, porque João Franco promette, precisamente, a maior parte d'aquillo que os republicanos teem pedido. Ou *exigido*, se acham este termo mais compativel com a *dignidade cidadã*. Terceiro, porque os republicanos, dizendo-se liberaes, teem obrigação de receber honestamente todas as concessões liberaes.

Continuamos a saber que os fanaticos e os imbecis não gostam de nos ouvir falar d'este modo. Mas nós, que não estamos falando para fanaticos e imbecis, mas para quem tiver o juizo no seu logar, é que não desistimos de ateimar na affirmação de que *assim procede um partido quando não quer perder o direito á confiança do paiz*.

Bem sabemos o que nos vão oppôr. Vão-nos dizer que João Franco não cumpre nada do que promette. E' muito provavel. Será certo. Mas, por emquanto, não passa d'uma hypothese, e ninguem, absolutamente ninguem, que queira passar por sincero e leal aos olhos do mundo, pode proceder sobre uma hypothese como procederia sobre uma certeza. Esperemos. Tambem nós acreditamos pouco em João Franco. Mas não nos julgamos com direito algum a arvorar as nossas duvidas em certeza.

Esta era a unica politica, canalhas, bandidos, miseraveis, digna d'um homem, d'um cidadão, d'um portuguez, d'um democrata, d'um partido d'homens, de cidadãos, de portuguezes, de democratas. E **eramos nós o unico republicano que em Portugal a sustentava.** E se o faziamos por interesse, ou desinteressadamente, com a mais absoluta sinceridade e a mais completa abnegação, que o diga João Franco, que o digam os que foram com elle ministros d'estado, que o digam todos quantos teem o encargo de distribuir dinheiros e recompensas aos corruptos da politica e aos reptis da imprensa. Elles é que sabem se alguma vez, directa ou indirectamente, nos compraram.

D'ahi a dois ou tres dias realisou-se a celebre manifestação contra Schroeter. O paspalhão do Camacho, que não passa, politicamente, d'um idiota como os outros, tinha escripto na *Lucta*, que ou o governo se submettia, que ou o governo se demittia, ou **viria então o momento das resoluções finaes, das decisões extremas, dos lances audaciosos.** *O partido republicano viria para a rua não para reclamar o stricto cumprimento da lei*, **mas para deitar por terra o velho e carcomido edificio da legalidade monarchica e constitucional.**

Nós respondiamos a seguir, oito dias depois do nosso artigo anterior, no *Povo de Aveiro* de 10 de junho de 1906:

Portanto, o caso está posto em termos que não admittem duvida. Ou o governo se submette ou se demitte, ou o partido republicano vae para a rua fazer a revolução.

E nós a suppormos que o partido republicano haveria sahido já da sua meninice! Ai que pateta! Ai que pateta, que nós somos!

Pode ser que o governo se submetta. Pode ser que o governo se demitta. E bem vae, se for assim. Não sendo isso, porem, o mais provavel, como não é, em que situação ficamos nós? E' claro que não vamos para a rua. Esse ponto nem se discute. Não se vae para a rua com cinco dedos em cada mão. Mas, se não formos, mais uma vez, depois do ponto a que se levou a questão, depois de tudo quanto se tem dicto e escripto, fazemos figura de *meninos*, e, por conseguinte, mais uma vez perdemos prestigio, mais uma vez perdemos força, fazendo rir o paiz.

Ora isto não pode ser. Se o partido republicano ha-de ficar n'uma eterna meninice, melhor é deitarmonos todos a afogar . . . . . .

Ninguem mais insuspeito do que nós. Combatemos vivamente, e bem vivamente, João Franco. Mas só o combatemos por amor da liberdade. E por amor da liberdade entendemos que é nosso dever, n'este momento, esperar lealmente os seus actos.

As circumstancias mudaram. E mudaram, precisamente, por influencia dos republicanos. Não seremos nós que demos razão á monarchia para ella justificar o trilho deploravel em que tem vindo até agora. Se regressar a elle, como é quasi certo, que se saiba que não fomos nós que, depois de a chamar ao bom caminho, desatámos doidamente a encher-lh'o d'obstaculos. Não. Isso não. João Franco nada faz? Acreditamos e havemos de ataca-lo n'esse dia, n'este periodico, como já fizemos, mais energicamente do que ninguem. Mas o que elle nunca ha de dizer, pelo que nos toca, é que se não fez nada foi porque os republicanos o coagiram a um caminho differente. Isso não. Isso nunca.

Como a todos os homens de pouco valor politico, subiu á cabeça dos chefes republicanos o fumo da victoria. Tendo feito recuar a monarchia, tendo deitado um ministerio abaixo, desvairaram e julgaram que, d'um salto, se tinham apoderado da cidadella.

Ainda é cedo. Continuem com os seus trabalhos d'assedio, se quizerem probabilidades d'exito no ultimo assalto. „

Miseraveis! Miseraveis! Quem fez o jogo da monarchia, quem foi o instrumento dos reaccionarios senão vós, miseraveis?

E' preciso que *todo* o paiz conheça estes factos para nos poder devidamente julgar e aos miseraveis. Para ver que fizemos sempre uma politica leal, honesta, sensata, e que elles fizeram sempre uma politica idiota e canalha. Para reconhecer com justiça, com verdade, que só chegámos ao extremo de pedir que os inutilisem, que os queimem, que os fuzilem, que os esmaguem, quando vimos que tinhamos na frente um grande bando de ladrões, d'assassinos, de malandros, quando vimos que eram inuteis, inteiramente inuteis, todos os esforços empregados para os fazer mudar de rumo, para que se emendassem ou se regenerassem.

Já temos feito aqui referencia, e referencia documentada, como hoje, a estes factos. Mas o *Povo d'Aveiro* então tinha cinco ou seis mil leitores e hoje tem quarenta ou cincoenta mil. Hoje corre de mão em mão. Hoje, termo medio, não é lido por menos de quatro ou cinco pessoas cada exemplar. O minimo. E tomando um minimo muito baixo. Se contarmos os clubs, os quarteis, os centros de reunião e de cavaco, as familias, é lido por mais de cem mil pessoas em Portugal. Portanto, convem repetir a narração dos factos. Convem levar ao espirito de todos a mais inabalavel persuasão, a forte suggestão, a empolgante eloquencia da verdade. Convem que todos, todos saibam, que só nos armaram traições, que só nos prepararam ciladas, por lhe falarmos, sem trepidar, nem pactuar, nem acuar, a voz da razão, a voz da verdade. Convem que todos, todos saibam, que ainda hoje só nos arremessam lama, só nos querem envolver n'uma rede de calumnias e infamias, que aliás desfazemos facilmente com duas pennadas, por lhe applicarmos implacavelmente a tremenda logica dos factos. Convem que todos, todos saibam, que não ha attenuantes, nenhumas attenuantes, para esses canalhas, para esses infames, mil vezes mais perversos e perigosos que os mais perversos e perigosos salteadores d'estrada.

Não se trata de politicos. Não temos na nossa frente politicos. Um partido politico. Muito menos um partido republicano. Não. Politicos, republicanos, não. Ladrões, assassinos, canalhas, a mais vil escoria, a corja mais immunda, que em nome dos interesses da patria, da idéa, da humanidade, é preciso enforcar, queimar, triturar.

Convençam-se! Não esperem nada de tal gente. Convençam-se, que a experiencia está feita!

Portugal quer avançar? Tem de os esmagar, sem dó nem piedade.

Já agora, nos proximos artigos acabaremos de o demonstrar.

Leandro

Escrevem-nos de Lisboa:

Os quadrilheiros contorcem-se. *O Povo d'Aveiro*, fustigando ferozmente os bandidos que infestam os tribunaes da côrte, aterra-os profundamente.

O caso dos incendiarios da Magdalena, apanhados em flagrante, abriu os olhos a muita gente e pôz a descoberto a torpe veniaga dos vendilhões do templo.

Consta-nos que o pequeno judeu, emprezario da famosa negociata dos Leandros, maldisse o proprio Jeovah, ao vêr descobertas as linhas da sua rede varredoura.

Entretanto a *troupe* pharisaica, tendo como cabeça visivel o Braga, não abandonou ainda a sua victima. O hespanhol ainda tem dinheiro; por isso continua a operação da ventosa.

Ha dias foi visitado, no Limoeiro, o illustre Leandro por uma titular não menos illustre, em cujo prestigio repousam as derradeiras esperanças do criminoso! E' o cumulo da desfarçatez e da *chantage!*

E tudo isto se concerta e leva a effeito para canalisar o dinheiro do hespanhol para a taleiga d'estes bandidos, sob a superior direcção do pequeno insaciavel judeu.

Este caso levou grande escandalo á synagoga.

Se em Portugal houvesse lei, estes typos estariam já expulsos dos tribunaes... Corja!

Regicidio

Sobe a irritação do *Cornetim da Margarida*, e d'outras gazetas *radicaes*, á medida que augmentam as noticias de que se trabalha activamente no processo sobre a morte de D. Carlos, e de seu filho, o principe real.

Isso é muito importante. Muito significativo. Mesmo d'uma importancia extraordinaria. Porque demonstra cabalmente, formalmente, que a gente do *Mundo*, que a gente do *Dia* e outras *gentes* são cumplices no crime de que se trata.

Não sejamos tolos. E punhamos de parte todas as reticencias dictadas por uma covardia detestavel. Tenhamos a elementar, a simples coragem de dizer alto o que dizemos baixo. Que vergonha, andar para ahi todo o mundo a dizer ás escondidas, ou de mascara, o que não é capaz de dizer de rosto descoberto e levantado!

O que quer dizer essa indignação do *Mundo*, sempre que vem a publico a noticia de que se está bulindo no processo do regicidio, senão que a gente do *Mundo* é cumplice ou auctora do crime commetido no Terreiro do Paço?

O que quer dizer essa descompostura pegada no juiz d'instrucção criminal, como o *Mundo* esta semana lh'a tem applicado, senão que o *Mundo* sente a irritação, o despeito, o medo, de todos os criminosos?

O *Mundo* **conhece, pelo menos, os assassinos de D. Carlos.** O *Mundo* **protege, pelo menos, os assassinos de D. Carlos.**

O *Mundo*, o *Dia*, todos os jornaes que troçaram sempre da tentativa para se descobrir a historia do crime do Terreiro do Paço.

O *Mundo* **prova, prova o** *Dia*, **provam todos aquelles que pedem incessantemente que se encerre o processo, que se dê por findo o inquerito, que não foram o Buissa e o Costa os unicos auctores do terrivel assassinato.**

Bastaria a attitude do *Dia*, do *Mundo*, de todas as gazetas *radicaes*, para que se desse andamento ao processo, para que se activassem as averiguações, para que se procedesse cuidadosamente, e zelosamente, no sentido de se apurar a verdade.

Se foi só o Buissa, se foi só o Costa o auctor do assassinato, para que insultar o juiz d'instrucção, o presidente do conselho, o ministro do reino, a rainha, por continuarem na teima de que não foram só aquelles dois que mataram o rei e o principe real no Terreiro do Paço?

Isto é claro. Evidente. Eloquente. Não deixa a menor duvida no espirito de ninguem.

E' claro, evidente, eloquente **que não foi só o Buissa, que não foi só o Costa, quem matou o rei, quem matou o principe real.**

E' claro, evidente, eloquente, **que foi mais alguem e que esse mais alguem ou está na redacção do «Mundo» ou está na redacção do «Dia», ou é protegido, escandalosamente protegido, pela redacção do «Mundo» e do «Dia».** Claro, evidente, eloquente. D'outra forma, que se importava o *Dia*, que se importava o *Mundo* que o juiz d'instrucção averiguasse, e que levasse tempo com as suas averiguações?

Pois todos os dias vemos a grande reportagem jornalistica substituir-se á policia na descoberta de grandes criminosos, e agora é um acto indigno,—pois, na opinião d'elles, chega a ser um acto indigno,—incitar o juiz d'instrucção a proseguir nas averiguações sobre um crime que impressionou o mundo todo?

Onde está a vossa coherencia, onde está o vosso amor da justiça, da moralidade, da democracia, da verdade, ó villões, ó canalhas?

Pois quando o assassino é um pelintra vós fazeis voluntariamente d'espiões, de delatores, de policias, esquadrinhaes, vigiaes, fossaes, e agora, que os assassinos são deputados, generaes, ex-ministros d'estado, ou da roda dos deputados, dos generaes, dos ex-ministros d'estado, é uma *infamia* pedir que se dê andamento ao processo, é uma *infamia* indicar vestigios ao juiz d'instrucção criminal, é uma *infamia* reclamar que os criminosos sejam castigados?

Onde está a vossa coherencia, onde está o vosso amor da justiça, da moralidade, da democracia, da verdade, ó villões, ó canalhas?

Que vos importa que o processo não esteja archivado? Porque vos incommoda tanto que se averigue, que se indague, que se pesquisem criminosos? Estaes innocentes? Então, quanto mais se averiguar, melhor!

E' um indicio precioso, esta inquietação, esta irritação, que se apodera do *Mundo*, do *Dia*, de varios orgãos dos mais retintos quadrilheiros politicos, sempre que consta que volta a pôr mão no processo o juiz d'instrucção criminal.

N'outro paiz, onde houvesse rigor de justiça, ha muito que estaria na cadeia o ex-juiz d'instrucção criminal, como criminoso provado, e os jornalistas do *Mundo*, do *Dia*, como criminosos suspeitos. Ha muito tempo! Não ha desculpa nenhuma,—já o dissémos, mas não só o repetimos como julgamos indispensavel dize-lo a toda a hora,—para o dr. Silva Monteiro, ex-juiz d'instrucção criminal. O crime de que se trata é o mais monstruoso **crime burguez** da actualidade. Se algum idiota, dizendo-se revolucionario, entrou n'elle suppondo entrar n'um crime revolucionario, foi simplesmente burlado. Como burlados foram esses socialistas que na camara franceza se não quizeram associar ao voto de sentimento pela morte de D. Carlos.

Não foi, de modo algum, o espirito revolucionario,—tambem já o dissemos, mas, da mesma forma, indispensavel se torna repeti-lo a toda a hora, —que armou o braço dos assassinos do rei D. Carlos. Foi o espirito do banditismo!

Não foram liberaes que mataram o rei D. Carlos. Faram ladrões, foram gatunos, foram corruptos, foram devassos, e devassos da mais baixa, da mais reles especie, do mais infimo estofo moral.

Foram burguezes, burguezes retintos, burguezes dos mais classificados. Foram membros das quadrilhas politicas, e membros dos mais altamente cotados. Foram homens que estavam costumados a falsificar recenseamentos, a exercer pressões eleitoraes, a roubar, por todas as formas, o voto popular. Foram homens que estavam fartos de escarnecer os immortaes principios, de calcar as leis, de rasgar na cara da soberania popular o chamado pacto fundamental da monarchia. Foram homens cheios de sinecuras, de prebendas, de concussões, de prevaricações, de roubos e maroteiras de toda a ordem. Foram homens que viviam da especulação mais repellente, da charlatanice mais indecorosa, da exploração das multidões, da sua crendice, da sua ingenuidade, pela maneira mais affrontosa.

Esses homens commetteriam um grande crime matando o rei, mesmo que, depois dos seus crimes, dos crimes d'elles, da sua cumplicidade nos crimes do rei, fosse para evitar que o rei mais explorasse, mais roubasse. Mas elles, para cumulo do ludibrio e da infamia, mataram o rei precisamente pelo motivo contrario, isto é, porque o rei parecia disposto a não consentir que elles *continuassem a explorar*, que elles *continuassem a roubar*, pelo menos pela forma indecente, escandalosa, vergonhosa, com que o haviam feito até esse momento.

E ha patetas que ainda attribuem a morte do rei a um crime . . . revolucionario! Como as pobres bestas são ludibriadas!

Foi o mais monstruoso **crime burguez** da actualidade. Por isso mesmo, se n'este paiz houvesse, de perto ou de longe, revolucionarios, seriam elles os primeiros a levantar-se, voz em grita, contra a impunidade dos assassinos de D. Carlos. Porque essa impunidade é, no fundo, a maior das affrontas ao espirito revolucionario.

Nunca o anarchista, o revolucionario por excellencia, o profissional do crime politico, se associou, no mundo, a crimes d'esta natureza. Quiz-se dizer, tem-se dicto, que o Buissa era anarchista, que o Costa era anarchista, que os anarchistas, mais ou menos, se envolveram nos ultimos crimes praticados.

Não ha tal, diga-se em honra do anarchismo universal. O anarchismo é mau, commette crimes pelo mundo, crimes condemnaveis, crimes abominaves, mas nunca commetteu um crime tão infame, tão odioso, como o crime do Terreiro do Paço e o crime de Cascaes.

O anarchista, o verdadeiro anarchista, não anda, não pode andar mettido com os republicanos em Portugal. Quem anda mettido com os republicanos em Portugal é o assassino vulgar, o criminoso nato, todas as almas perversas d'esta sociedade. Que importa lá que se diga anarchista este ou aquelle faquista da Mouraria, este ou aquelle foragido do Limoeiro e da Penitenciaria? A verdade é que o não são. São simplesmente malandros, bandidos, assassinos, escoria vil d'uma vil sociedade. E esses é que teem andado mettidos com o republicano em Portugal. Pechuga, Petiz das Gravatas, e outros da mesma laia. O anarchista de principios, não. Quer o anarchista d'acção, quer o anarchista doutrinario.

Não ha paridade nenhuma, absolutamente nenhuma, entre a morte de Carnot, de Humberto, de Mac-Kinley, de Alexandre I da Russia, do grão duque Sergio e a morte de D. Carlos. Nenhuma!

E' preciso que toda a gente veja isto. Que o veja o burguez honesto, o burguez incapaz de commetter assassinatos, o burguez inimigo dos quadrilheiros e das quadrilhas politicas n'esta terra, que é, ainda assim, para bem de todos, a maioria, a grande maioria do burgez em Portugal, e que o veja, sobretudo, aquelle que é sinceramente revolucionario. Sobretudo este, victima, joguete, ludibrio da canalha mais infame que, embrulhada hypocritamente na capa da *libardade*, tem apparecido na historia.

Qual *libardade?* Evidentemente, nenhum revolucionario chorou, nem tinha motivos para chorar, a morte de D. Carlos. Mas nenhum revolucionario, em boa razão e consciencia, pode deixar de reconhecer que D. Carlos succumbiu a uma vil e mentirosa especulação das quadrilhas partidarias. Unicamente!

O que fez João Franco? O que fez D. Carlos? Adiou o parlamento. Fechou as camaras. Poz-se em dictadura. Mas em dictadura mansa. Mais nada. Ora seria ultra-ridiculo associar-se alguem, sinceramente revolucionario, com o Alpoim, com Julio de Vilhena, com José Luciano, com qualquer d'esses representantes dos partidos que **dezenas** de vezes adiaram o parlamento, que dezenas de vezes fecharam as camaras, n'uma campanha de desforço ou odio *libaral* contra João Franco e D. Carlos.

O que fez D. Carlos, com João Franco, mais do que, com José Luciano e Hintze Ribeiro, tinha feito no capitulo *attentados á liberdade*? Nada. Fez menos, muito menos. Respeitou pela primeira vez o voto popular. Pela primeira vez deixou de haver arrestos de jornaes e censura previa. Pela primeira vez deixou *quem queria* de metter as mãos nos cofres do Estado. Esta é a verdade. A grande verdade.

Quem mandou João Franco para Timor n'esse seu ultimo consuado? Quem sujeitou elle a perseguições e a torturas? Elle e D. Carlos?

Gritou-se immenso contra a lei de imprensa que João Franco fez approvar. Foi uma campanha. Uma grande campanha *da libardade*. Pois cahido o dictador, **nunca mais ninguem reclamou contra o grande attentado á liberdade.**

Nem contra esse, nem contra nenhum outro. As leis de João Franco, os decretos, as resoluções tomadas em dictadura, ahi estão, sem merecerem a menor censura nem reparo.

Um ludibrio. Uma farça. O mais infame ludibrio, a mais infame farça que as quadrilhas politicas teem representado.

O partido republicano atraiçoou vilmente, n'essa campanha contra João Franco, os principios democraticos. Nunca os atraiçoou tanto. Nunca foi tão impudico, tão desavergonhado. Os principios democraticos e os interesses da justiça e da verdade. Sem falarmos agora n'aquillo que burguezmente se chama, mas que os revolucionarios desprezam, os interesses da patria.

Nunca foi tão impudico. Nunca foi tão desavergonhado. Nunca atraiçoou tanto os interesses da justiça e da verdade. Que o vejam bem aquelles que sinceramente são revolucionarios.

Era com as quadrilhas partidarias todo o conflicto armado por João Franco e por D. Carlos. Somente com ellas! Todo o interesse da democracia, toda a vantagem da causa do povo consistia em que ficassem *vencidas* as quadrilhas partidarias. O que fez o partido republicano? Deu alento, deu vida, deu o triumpho ás quadrilhas partidarias. Praticou essa suprema traição á causa do povo, aos principios democraticos.

O partido republicano fez a obra da burguezia, mas da burguezia vampira, da burguezia do roubo, do assassinato, do crime, da infamia. Da burguezia cynica, da burguezia dissoluta, da burguezia devassa. Da burguezia que não vive dos seus negocios, bons ou maus, do seu trabalho, mais ou menos honesto, mas dos cofres do estado. Arre bandidos, que vos havemos de esmagar com a verdade!

Essa foi, e está sendo, a obra d'esses infames, d'esses grandes miseraveis.

D'esses canalhas que, defendendo escandalosamente os assassinos de D. Carlos, nem teem pejo de defender os proprios assassinos de Cascaes. E' morto um homem, um desgraçado, só porque pede pão para comer. Não pedia mais nada, o desgraçado! E' lançada uma mulher á viuvez, tres ou quatro creanças á orphandade, isto é, a todos os baldões da sorte, que pode ser a fome, o crime, a morte, só porque os grandes bandidos que subscreveram com uns centos de mil réis, uns contos de réis a favor dos filhos do Buissa, não se quizeram dar á pachorra de arranjar ao chefe d'essa familia proletaria um emprego no Dondo ou no inferno depois de o terem sacrificado. E ainda em cima o orgão mais lido da republica se arvora em campeão dos criminosos, com cynico, com affrontoso, com ultrajante descaro.

Bandidos! Miseraveis!

E' preciso esmagar esses bandidos. E' preciso esmaga-los para interesse da democracia, da patria, da humanidade e do proprio espirito revolucionario. O triumpho dos miseraveis é o triumpho do espirito de banditismo. E' o triumpho das quadrilhas. E o espirito de banditismo é inimigo nato do espirito revolucionario. Emquanto não se afogar o espirito de banditismo não haverá em Portugal espirito revolucionario.

E' preciso esmagar os bandidos. E' preciso afogar esse espirito canalha. E o golpe mais tremendo estará no castigo dos assassinos do Terreiro do Paço.

Tudo se conjugou para *abafar* esse crime. Como é um crime burguez, como é um crime das quadrilhas partidarias, presidentes do conselho, juiz d'instrucção criminal e **gente da propria corte** se combinaram para subtrahir á acção da justiça commum os criminosos.

Abaixo essa infamia! Abaixo essa canalhice! Abaixo esse attentado! Attentado aos mais elementares principios da justiça e até á nossa propria dignidade.

Abaixo! Que entrem na cadeia os criminosos, e que entrem com elles todos quantos, directa ou indirectamente, os protegeram.

Ex-juiz d'instrucção criminal, jornalistas republicanos ou monarchicos, e presidentes de conselho, se, porventura, se averiguar que houve presidentes de conselho que fizeram pressão sobre o ex-juiz d'instrucção criminal.

Tenham a certeza de que o *Povo de Aveiro* não levanta mão do assumpto. E se ha gazeta portugueza que represente a opinião independente é, manifestamente, este jornal.

Muito bem!

Recebemos a carta que se segue. Gostosamente, muito gostosamente a publicamos, porque estamos de plenissimo accordo com o signatario. Infelizmente não temos podido, como era nosso desejo, e como por muito tempo fizemos, prestar toda a attenção aos problemas e questões sociaes. Esperamos poder voltar a isso brevemente. Não tardará que os bandidos politicos estejam amachucados a ponto de não constituirem um perigo nacional. E será então o momento de dedicarmos todo o nosso estudo e cuidado ás questões sociaes e aos problemas nacionaes.

Entre aquellas e entre estes avulta, na verdade, o grave problema, a gravissima questão do alcoolismo. Não ha duvida nenhuma que o alcoolismo se tornou um mal agudo na sociedade portugueza. Um mal terrivel que vae minando, abastardando a raça.

O nosso correspondente tem razão. Muita razão. Iremos, como pede, prestando alguma attenção ao horrendo flagello. Entretanto, ahi vae a sua carta, e irão quantas quizer e nos mandar sobre o assumpto, que publicaremos com o maior enthusiasmo e o mais vivo apoio.

Eis a carta:

Sr. Director do *Povo d'Aveiro:*

Como V. é o unico jornalista portuguez que tem verdadeira e incontestavel auctoridade porque sempre diz o que sente venho pedir o seu auxilio para tratar a mais grave questão de todas quantas assoberbam n'este momento terrivel a nossa infeliz terra. Por isso, junto com o pedido de dar publicidade a estas linhas, lhe faço (tanto mais que ha mezes já V. incidentemente fallou no assumpto movido por impressão egual á que eu recebi) o de tratar esta magna questão: *O baixo preço do vinho leva, com passos de gigante, a raça portugueza para o alcoolismo.* Esta proposição, que não despertará na grande maioria dos que a lerem nenhumas apprehensões sobre o futuro da nossa raça, deverá ser um toque de rebate, um grito d'alarme para aquelles que quizerem observar o que na actualidade se está passando em todo o paiz. Quem isto está escrevendo ha muito tempo que não passava uma noite na terra da sua naturalidade — uma bella aldeia que, ha poucos annos ainda, era das terras mais morigeradas do paiz — e ficou horrorizado com o que viu ultimamente n'uma noite que ali passou. Effectivamente o que vi na minha aldeia, onde todas as classes sociaes estão representadas, horrorizou-me pelo inesperado espectaculo que observei. Eu conto: Tive necessidade de ir nas primeiras horas da noite (notem que não era noite de festa) fallar com individuos de differentes situações sociaes e com espanto meu vi que se nas classes inferiores a embriaguez era quasi completa, nos individuos mais graduados os effeitos do alcool eram muito visiveis. Recolhido a casa d'um amigo notei-lhe o que tinha visto e elle respondeu-me: "Como quer V. que vendendo-se nas tabernas bom vinho de doze graus a vintem o litro não ande tudo bebedo?„ "Mas F.F., uns homens abastados em quem tambem eram evidentes os desarranjos que o abuso do vinho motiva, não obedeceram a essa causa e sicranos, cuja conducta era d'antes tão regrada„ disse-lhe eu.

"Não, n'esses é a imitação, porque nos vicios a imitação faz-se não só no que olha para cima como no que olha para baixo. V. admira-se; olhe que não são só os homens, as mulheres tambem. D'antes havia apenas F. agora ha duzias de F.F. e se por emquanto não consta que as senhoras cá da aldeia as imitem quem sabe se o exemplo dos irmãos e dos maridos a isso as levarão tambem?!„ Deitei-me e toda a noite no meu espirito as singellas palavras do meu amigo me assediaram. Effectivamente vinho de doze graus a vintem o litro é convite de tal força á bebedeira que não ha proletario que lhe resista. E atraz dos proletarios vão os remediados e d'ahi este espectaculo monstruoso de uma povoação de morigerados se tornar em uma povoação de bebedos! E como esta terra todas as terras ruraes do paiz. Que estranha sorte a nossa! O paradoxo em tudo! Quem me diria que os brutaes direitos de consumo que pesam sobre o vinho em Lisboa (duas a tres vezes o preço porque o lavrador o vende) ainda haviam de por mim serem considerados beneficos?

Quem me diria que o mais abominavel de todos os impostos — o do consumo — seria um freio á embriaguez, um travão a uma das peores doenças que affecta a humanidade? Oh, repito, paiz dos paradoxos, este nosso! Quem me diria que haveria um imposto sobre um alimento que fosse até agente de moralidade! Mas os factos são os factos e se V., acompanhado por todos aquelles que querem o bem d'esta terra, não fizerem immediatamente uma campanha para se impedir um tão largo uso do vinho nas povoações ruraes, o alcoolismo, que é um dos maiores agentes do abastardamento das raças, terá creado raizes tão fundas que não haverá meio de o vencer. Espero, pois, que V., continuando a desmascarar a corja, para quem as questões d'esta ordem passam despercebidas, satisfaça os pedidos de quem sempre foi e é,

De V., respeitoso admirador,

Um antigo assignante.

Uma nova proeza do Affonso Costa

Escrevem-nos:

" Em casa d'este miseravel esteve ha tempo a servir uma rapariga da provincia, de menor edade, e que não era nada feia. Os vizinhos diziam que elle a mandára vir da terra, sendo por isso conterraneos. A pequena veio, como o outro que diz, com os olhos fechados . . . Um bello dia, a familia do Affonso Costa sahiu a passeio, mas, pouco depois, este regressou a casa, em automovel, fechando-se no domicilio.

Tres dias depois a rapariguita foi despedida e reenviada para a terra, onde teve uma creança filha do miseravel seductor. E' claro que este não quiz saber mais nem da pobre victima, nem do fructo da sua canalha acção, tendo-se recusado sempre a soccorrer com uma pequena esmola aquella infeliz . . . „

E anda este bandido, este pilho, este pulha, a falar em moralidade a toda a hora! E anda este bandido, este pilho, este pulha, por debaixo da cortina, mascarado, atirando a pedra e escondendo a mão, a falar na vida intima dos outros! E anda este bandido, este pilho, este pulha a combater as miserias sociaes e a chorar lagrimas de crocodilo sobre as iniquidades que pesam sobre . . . os proletarios!

O bandido! O pilho! O pulha!

Elle é tudo! Elle é ladrão! Elle é traidor! Elle é canalha! Elle é assassino! Elle é *souteneur!* Elle é bebedo! Elle é dissoluto! E elle é o campeão da moralidade publica, o porta bandeira *da redempção nacional!*

Elle bate na mãe! Elle deixa morrer os tios de fome, de frio, de miseria! Elle desflora as raparigas — e já não tem conta o numero d'ellas — que lhe entram em casa como serviçaes! E elle é o amigo do povo! O defensor dos proletarios!

Que burla! Que troça! Que affrontoso escarneo!

Elle embebeda-se! Elle anda em orgias continuas! Elle frequenta descaradamente os lupanares! Elle é um sujo, um prostituto, um vadio da peor especie! E elle é o zelador . . . dos bons costumes!

Que burla! Que troça! Que affrontoso escarneo!

Elle atraiçoou o Fratel! Elle atraiçoou o velho lente Chaves! E elle é um dos representantes . . . do cavalheirismo nacional! Da honra, do brio nacional! Elle, o França Borges, e o . . . Borracho!

E digam lá que somos exaggerado quando pedimos que queimem esse vespeiro que se chama partido republicano em Portugal!

Só queima-los! Só fuzila-los! Só expôr-lhes o rabo ao ar n'um pelourinho e dar-lhes, dar-lhes, até os deixar sem rabo, sem costas, sem pelle, á vergalhada!

Elle é ladrão! Elle é burlão! Elle é cavalheiro d'industria! Elle é rufião! Faz aos clientes o que fez ao Julio de Campos, o que fez ao Esteves Ribeiro, o que fez ao Lima Junior, o que fez á Amanda Rosas! E elle, Magriço da honestidade publica, chamava a D. Carlos *rei dos adeantamentos*, chamava a D. Carlos, em plena camara, ladrão, e em plena camara dizia que por muito menos do que D. Carlos tinha morrido Luiz XVI na guilhotina! E elle é applaudido, exaltado até ao delirio por um partido que se diz . . . de regeneração nacional!

E não querem os membros d'esse partido, homens sem vergonha, que digamos que são *todos, todos*, uns canalhas!

Canalhas, grandes canalhas! Pulhas, grandes pulhas! Safados biltres! Descarados tratantes! Relaxados malandrins!

Todos! Todos!

Só queima-los! Só fuzila-los! Só expor-lhes o rabo ao ar n'um pelourinho e dar-lhes, dar-lhes, até os deixar sem rabo, sem costas, sem pelle á vergalhada!

Tem razão

Escrevem-nos:

Lisboa, 2 de janeiro.

Sr. Homem Christo

Como V. diz que por ter deixado de pertencer ao exercito já pode dar tapona na tropa e que quem tiver que dizer que diga, informo-o de uma coisa que se passa em lanceiros 2 e que está a pedir trasladar-se para publico.

Imagine V. que estão obrigando os pobres recrutas á frequencia nocturna de 2 horas de aula de leitura, mas ninguem ensina coisa nenhuma. O 1.º sargento vae para a aula fazer serviços de escripturação, no que occupa todo o tempo; aos soldados que já sabem alguma coisa, distribuem livrecos, aos analphabetos não ensinam a menor noção de leitura, e assim se passam as 2 horas a cabecear com somno.

Isto é indecente e pouco sério. Se não querem ensinar os homem a lêr, deixem-nos ir passear. Obrigal-os a permanecer 2 horas n'uma aula ficticia é que não póde sêr.

Alguem.

Tem muita razão. Infelizmente, conhecemos por demais *as manhas* dos quarteis. E sabemos, em especial, todo o desprezo com que n'elles é tratada a questão da instrucção. Como de principio dissemos, logo que em ordem do exercito sahiu o novo regulamento das escolas regimentaes, a reforma do sr. Vasconcellos Porto só serviria para . . . burlas como essa de Lanceiros, a que o nosso correspondente se refere.

Dissemo-lo bem alto, bem claro e, ao que se vê . . . sahiu certo.

O que está succedendo em Lanceiros succede, vamos affirma-lo, em quasi todos os regimentos do exercito.

Ou nós não conhecessemos os habitos e as *manhas* dos quarteis!

A grande quadrilha

Sr. Redactor.

Se V. dá licença tambem eu quero ajudal-o n'esta empreza herculea que tenta levar a cabo, qual é a limpeza e desinfecção do nosso campo republicano. Acho que todos os portuguezes, dignos d'esse nome, devem vir em auxilio de V. trazendo cada um os elementos que tiver á sua disposição para, entre todos, erguermos esse padrão de ignorancia onde fiquem expostos á execração publica esses bandalhos, esses malandros, esses barbaros do seculo XX, como já alguem lhes chamou, e que tentaram apossar-se do paiz illudindo a boa fé de nós todos. Até aqui tenho-me conservado callado, mas, desde que V. tocou no grande traste do Almeida photographo, não pude ser já senhor de mim sem que desabafe e conte algumas das proezas d'esse insigne patife, porque tambem fui victima das suas escrocqueries.

Começarei portanto por elle, e depois tambem hei-de tocar no *maioral* d'este rebanho de imbecis que se chama pomposamente — O partido republicano de Beja — no chefe d'esta aringa como V. muito bem lhe chamou para que toda a gente saiba as mazelas de sua Ex.ª, que são maiores do que muitos julgam.

Ora principiemos a autopsia e mão no nariz porque o estafermo fede que tresanda.

As noticias mais remotas que tenho do tal Almeida photographo são as seguintes.

Esteve em Valle de Santarem e Almeirim ao serviço d'um primo d'elle, tambem photographo, mas boa pessoa ao que me consta. Fez-lhe toda a casta de maroteiras. Entre outras roubou-lhe uma maquina photographica e compromettteu-o com os seus fornecedores e correspondentes. Se V. quizer trocar essas maroteiras por miudos, sr. redactor, pode escrever ao tal primo que decerto lhe conta todos os roubos e infamias que este malandro lhe fez. Chama-se o primo Silva Nogueira e mora na praia da Nazareth.

Depois foi para Torres Novas. Ao principio, como não lhe conheciam as prendas, foi bem recebido, e até entrou para socio da Academia Artistica. Pouco depois tiveram que o expulsar de lá por causa dos roubos que commettia ao jogo, no que parece que é perito, e por arrombar uma gaveta.

Estando ainda em Torres Novas comprou uma bicycletta ao sr. José d'Orey dono da casa Cycledor por cem mil reis, acceitando-lhe uma letra. Quando lhe mandaram essa letra para elle pôr o acceite, a 8 dias de vista, fel-a desapparecer e nunca mais foi vista.

Ora, como isto não vae a matar, se lhe parece, sr. redactor, ficaremos hoje por aqui, para não abusar da sua paciencia, e principalmente, para não enjoar o estomago dos leitores com tanta porcaria. E já os previno de que falta o melhor. Tudo o que fica exposto são apenas ninharias comparadas com as proezas que esse grilheta tem feito e que eu contarei se V. tambem não enjoar antes.

Um republicano bejense mas sincero.

Dizem-nos do Algarve que um grande bruto que dá pelo nome de Estevão de Vasconcellos, e que se apregôa deputado republicano, se despediu de socio d'um club de Villa Real de Santo Antonio pelo facto d'esse club assignar o "Povo de Aveiro„. Pois mettam-lhe lá dentro o Arthur Leitão, o Padua Correia, o Trinta, o Maduro, o Ribas d'Avelar, o Henrique Cardoso, o Petiz dos Cordões, o Petiz das Gravatas, o Almeida de Beja, o Lindesinhas, o Palma da Electrica, o Espanta Mortos, o Vae Alta, o Cunha e Costa, o França Borges, o Affonso Costa, o Pechuga, o Guimarães da Bocca do Inferno, etc., etc., e verão como elle rejubila e se engrandece com tão illustre companhia.

Só por-lhes o rabo á mostra, a todos, n'um pelourinho, e dar, dar, dar, até lhes cahir a pelle em farrapos.

Não ha outra receita, creiam.

A Familia Homem Christo

Por necessidade d'occasião, como abaixo se verá, transcrevemos da *Soberania do Povo* o artigo que, sob a epigraphe *A familia Homem Christo*, o sr. Conselheiro Albano de Mello, antigo governador civil d'este districto, que administrou por varias vezes com um tacto admiravel, e actualmente director geral do ministerio da justiça, alli publicou:

Eu ouvia falar no sr. Homem Christo e em seus irmãos, lia os artigos impetuosos deste audacioso escriptor, mas não conhecia, de as ter visto, as pessoas desta familia.

Um dia, haverá doze annos—era eu governador civil de Aveiro—debateu-se na capital do districto uma questão delicada. A freguezia da Palhaça, pela nova divisão administrativa, passava para o concelho de Oliveira do Bairro e podia passar, para os effeitos judiciaes, para a comarca de Anadia. A cidade, sobresaltada, declarou-se contra mim. Houve comicios, houve representações, os protestos accumulavam-se, as reclamações multiplicavam-se.

Uma vez, procurou-me no governo civil um grupo de conspicuos cidadãos, que desejavam expor os seus aggravos, e formularam as suas queixas. Houve debate. Eu fui claro e sereno quando disse das razões que obrigaram á modificação da anterior circumscripção administrativa. Os cavalheiros do grupo foram, talvez, exagerados nos seus queixumes, mas eu comprehendia a vivacidade da discussão, por seu lado, e cuidei em ser brando e cauteloso na minha palavra, e fui respondendo mansamente ás suas observações. Falou então o presidente da Associação Commercial, que é hoje um meu correligionario valioso e dedicado e que disse assim:

"Aveiro está descontente por lhe tirarem "a freguezia da Palhaça, Oliveira do Bairro "está descontente por lhe levarem Fermen-"telos para Agueda, Anadia fica desconten-"te por lhe arrebatarem Fermentelos da co-"marca. Só Agueda está contente. São trez "concelhos queixosos contra um que se en-"grandece e folga„.

Dei a minha resposta simples. Agueda estava tambem descontente, e expuz as razões do desgosto do meu concelho, acrescentando um pouco nervozamente:

"A minha obrigação é ser leal. Não de-"sejo nem a sombra de um equivoco. Creio "que os interesses da minha terra não es-"tão em conflicto com os interesses da ci-"dade de Aveiro, mas, se conflicto houvesse, "eu estaria ao lado dos interesses de Agueda "e Aveiro não poderia contar comigo„.

De entre o grupo saiu logo uma voz que, em tom vibrante e convicto, disse:

— Tem v. ex.ª razão, sr. governador civil!

A voz era a de um homem forte, alta estatura, côr morêna, olhar limpido, semblante tranquillo. Era a figura de um desconhecido. Perguntei, depois, quem era esse simpatico desconhecido que pronunciára uma palavra de paz e de justiça e tivera um rasgo de desassombro no momento em que tantas paixões referviam e em que tantos conflictos se esperavam. Chamava-se Manuel Christo, um industrial intelligente e ouzado, que eu respeitei sempre muito e que não deixarei nunca de estimar.

Outra vez — ha tantos annos já, tambem! — outra vez, recebi pelo correio uma carta da sr.ª D. Roza Ferreira Pinto Basto, viuva do sr. Julio Ferreira Pinto Basto, que fôra Director da Caixa Geral dos Depositos, e irmã do sr. Homem Christo, na qual carta me dizia que seu marido lhe havia recommendado em vida que, se algum dia precizasse do conselho e do auxilio de um advogado, recorresse á minha intervenção, porque, apezar de ter comigo relações de mera deferencia pessoal, confiava na valia de essa intervenção, expondo aquella Senhora os motivos penhorantes da confiança allegada por seu marido.

Dos trez irmãos Christo foi o redactor do *Povo de Aveiro* o ultimo que eu conheci, pessoalmente. Estava eu na praia de Espinho, fez quatro annos em setembro, era noite de romaria, uma multidão enorme enchia as ruas. Luiz de Azevedo, administrador da *Soberania,* conversava com um individuo estranho. Este era o Capitão Homem Christo. Foi Luiz de Azevedo quem fez a mutua apresentação. Conversámos vinte minutos, assumpto simples, como era de esperar de dois homens que se viam pela primeira vez e que tinham e defendiam um pensamento diverso.

Despedi-me do Capitão Christo com uma impressão de muito agrado, e só nos cumprimentámos mais tarde em Lisboa, posteriormente á sua sahida do exercito. Mas pouco depois do nosso encontro em Espinho, escreveu-me o sr. Homem Christo uma carta.

Sua irmã tinha morrido na quinta do Silveiro, da freguezia de Oyã, e dera-se uma divergencia entre a familia dorida e o parocho. O parocho entendia que tinha que receber os direitos costumados pelos suffragios da alma da senhora fallecida, que era catholica e cujo cadaver devia ser recolhido no jazigo de sua familia em Aveiro. A familia dorida não contestava o direito do parocho, mas ficou mortificada com a exigencia da esportula na hora em que chorava a morte de uma irmã querida.

O sr. Capitão Christo disse-me que podia fazer um enterro civil, mas que o não dezejava fazer, nem o ordenava, por escrupulos da sua consciencia, e pedia a minha opinião sobre a exigencia parochial. Respondi o que julguei ser mais acertado e tomei a resolução de solicitar de um amigo meu, que então considerava como correligionario politico e era um collega na *Soberania*, que interviesse no conflicto imminente e desagradavel.

O meu correligionario offereceu-se para ir a Oian, e lá foi com a carta, que eu havia recebido do sr. Homem Christo. O sr. prior de Oian cedeu immediatamente do seu proposito, e o conflicto evitou-se. Da leitura do *Povo de Aveiro* sei que acusam o sr. Homem Christo de não ter pago os benesses parochiaes ao sr. prior.

A accusação é apenas insensata e feita sem nenhuma razão. A familia Homem Christo nada tinha que pagar, na occasião do enterro, pelos suffragios devidos á freguezia da residencia da pessoa fallecida. O parocho havia o direito incontestavel de fazer os suffragios do uso da freguezia, e se os herdeiros da fallecida não quizessem pagar voluntariamente, e pagavam—tenho a absoluta certeza—o parocho recorreria ao juizo contencioso, como credor de uma divida, que, necessariamente, lhe havia de ser paga.

Dadas as crenças religiosas, ou antes, dada a falta de crenças religiosas do sr. Homem Christo, o procedimento do redactor do *Povo de Aveiro* na questão dos funeraes de sua irmã foi extremamente correcto, foi, até, irreprehensivel. Gosto immenso de fazer justiça, e tenho prazer em fazer justiça, mais uma vez.

Mas, a que vem tudo isto que tenho dito, porventura fóra de proposito? Vem porque o *Povo de Aveiro* referiu o meu nome, e referiu com verdade, n'esta pequena questão dos suffragios funebres de uma respeitavel senhora da sua familia, e vem tambem para eu poder dirigir-me ao redactor d'esse periodico tão conhecido e tão lido a fazer-lhe um pedido.

Eu não leio, nunca li, nem lerei, os periodicos da minha terra. Sei o que elles são e para que foram creados. Elles seguem o seu caminho e eu tenho seguido sempre estrada diversa. Desejava que o *Povo de Aveiro* fizesse o mesmo. Eu reconheço que o redactor do visinho semanario ha de ter algum embaraço em attender o meu desejo. Sei do seu temperamento, e sei tambem que os temperamentos não podem ser facilmente domados. Vejo a minha terra quasi em insurreição. O *Povo de Aveiro* rebenta em Agueda como as bombas dos libertarios rebentam nas praças publicas e nos templos das cidades populosas, e eu amo a tranquillidade e a paz da minha villa tão amada. O *Povo de Aveiro* ha de dizer que de Agueda lhe jogaram uma pedrada e que elle não sabe perdoar a quem o offende. Será assim. Eu não invoco aquelle rapido encontro de vinte minutos, na praia de Espinho, na noite quente de uma ruidosa romaria de setembro, mas recordo o rasgo bizarro do seu irmão no governo civil de Aveiro, ha já doze annos, e a sagrada memoria da Senhora, que nasceu no mesmo berço do possante jornalista, para esperar do seu espirito um gesto de generosidade que, muitas vezes, é um gesto de desprezo.„

Pois seja. Fique mais uma vez demonstrado que de alguma coisa vale a habilidade e a intelligencia. Quando se sabe escrever como o sr. conselheiro Albano de Mello, ganha-se direito á deferencia.

Agueda que fique em paz, como o sr. Albano de Mello o deseja.

Governa-se

Como sempre, o patife. Para esse a republica foi uma mina. Apanhou tres dias de prisão n'um dos quarteis da Guarda Municipal e cantou-os — em prosa chula, é claro — como se fossem tres annos de grilheta . . . na Siberia!

Por tres dias de prisão n'um dos quarteis da Guarda Municipal pediu, pede, continuará pedindo a cabeça de João Franco.

Por tres dias de prisão n'um dos quarteis da Guarda Municipal!

E' o que elle tem no seu activo de *martyr*. Mas contra *tres dias de martyr* tem os contos de reis roubados ao Esteves Ribeiro, á Companhia dos Phosphoros, ao Julio de Campos, á Amanda Rosas, etc. Tem o logar de lente da Universidade, á custa do Fratel, do Chaves e Castro e da sua . . . garganta enferma. Porque n'este bandido, até a garganta enferma tem sido . . . um miraculoso rebuçado!

Não contente, vae apanhar um logar de lente na Escola Polythechnica. Sobre isso reza este communicado:

O Affonso Costa quer ser nomeado lente de economia politica na Escola Polytechnica de Lisboa, tendo a promessa formal de obter o logar tanto por parte dos alpoinistas, como por parte dos teixeiristas. Quer dizer, o *blóco,* de braço dado com a gentalha do *Mundo,* pactuou que o logar seria para o Affonso Costa.

Ora como os ventos parecem agora pouco favoraveis ao tal *blóco* politico, a quem levantaram a mangedoira governamental, o Affonso Costa anda já minando o terreno por outra parte, procurando estabelecer uma corrente de propaganda a seu favor.

Lente de economia politica, o ladrão, o falsario, o devasso e o burlão, como se a Escola Polytechnica de Lisboa podesse servir de coio a tal bandido!

Como ha de servir, esteja certo.

Só agora soubemos, por informação d'um amigo, que o celebre bandido Gomes Leal, o maior bebedo que tem vindo á terra, ainda mais bebedo que o Borracho, invertido, gatuno, pulha por dentro e por fóra, se dignou sahir á liça quebrando lanças pelo collega Borracho.

Foi coherente, o bandalhote! A primeira vez que foi coherente. Mas, emfim, foi-o uma vez na sua vida.

Não o soubémos a tempo. Não ha pasquim que não venha aqui parar. Pois o d'esse bandido não teve a honra d'aqui entrar. Tal é a cotação que o grande pulha tem no mercado.

Não obstante, na primeira occasião trataremos d'esse biltre, que andava esquecido na nossa galeria de heroes da redempção nacional.

Não perderá com a demora.

De Nenhures

7 de dezembro

Recebi a sua segunda carta, minha senhora. E se não continuei esta palestra no numero passado foi pelo motivo que já lhe expliquei: pelas necessidades d'este extraordinario combate em que ando envolvido.

Ha dias escrevia-me uma outra senhora, essa das minhas relações, perguntando-me se eu não estava cançado.

Não. Não estou cançado. Nunca me senti com tanta energia. Tão disposto a brandir esta penna como quem brande uma clava. No emtanto, um boccadinho d'intervallo para escrever outras coisas desejava-o.

Coisas uteis. Sim, bem uteis. E que, demais a mais, estão promettidas por mim ha muito tempo. Ainda esta semana me diziam no Porto uns amigos: *Então aquelle seu livro?!*

Então aquelle meu livro! Onde tenho eu tempo para o escrever?

Ora para isso, sim, queria eu um boccadinho d'intervallo. Não que eu me julgue fóra do terreno da educação e do terreno dos principios, como dizem os republicanos. Que hão de elles dizer, coitados! Mas, emfim, porque isso me deleitava.

Os republicanos, os *intellectuaes*, que são poucos, que são pouquissimos, lamentam esta minha *nova phase*. Segundo elles, eu prestaria relevantes serviços a esta sociedade a espalhar principios, a diffundir conhecimentos, a debater e a fomentar idéas. Isto é, a deixal-os em paz! Se eu os deixasse em paz, se eu me quedasse eternamente a philosophar, seria para elles um santo ou um grande homem. Eu a philosophar e elles livremente ... a *gatunar!* Como os tenho corrido a pau sou um homem funesto a esta patria. Pois nunca eu fui tão moralisador e tão educador como agora!

Todos falam e procedem ao sabor das suas conveniencias ou dos seus gostos. E' da velha sabedoria das nações.

Que se goste mais d'um genero que do outro, comprehendo. Que se affirme que na minha *nova phase* não estou prestando serviços á educação d'este paiz, contesto. A não ser que se sustente que moralisar não é educar. Mas isso é disparate.

Eu estive muito tempo no campo sereno dos principios. Debati todas as questões. Estudei todos os problemas. Agitei todas as idéas. O que consegui? Emquanto eu andava por essas espheras formou-se cá em baixo tamanha enxurrada que me afogou, quando descia. E comigo ia afogando esta terra.

Não. Ha gente que não apprende senão á pancada. E' a canalha. E' uma necessidade dar-lhe pancada, a unica maneira de a dominar. A canalha não se ensina. Domina-se. E não se domina pela razão. Domina-se pela pancada.

Principios! Idéas! Doutrinas! Esta canalha quer lá saber de principios, idéas ou doutrinas! Principios, espalhei-os. Doutrinas, préguei-as. Idéas, agitei-as. Mais do que ninguem. Nem por isso deixou de se organisar n'este paiz a quadriha mais infame de quantas eram conhecidas até á data.

Debati questões. Fiquei sosinho. Ninguem me ouviu nem entendeu. Pois agora ouvem-me e entendem-me. Ninguem gosta mais do que eu do campo sereno da razão. Mas nunca tive geito para nephelibata. Lá nephelibata, não. Quizeram-me assim? Pois aqui me teem. Mas a educar, mas a moralisar. E' incontestavel. E a moralisar e educar mais do que nunca moralisei e eduquei. Se eu viver, eu voltarei a essa região serena dos principios. Se não viver, nem por isso deixei de preencher inteiramente a minha missão de educador e de cumprir *até ao fim* o meu dever de homem e o meu dever de cidadão.

Mas gostava d'unir o util ao agradavel. Gostava e gosto. E faria acompanhar esta musica de bordoada pela musica mais harmoniosa das questões doutrinarias se as necessidades da bordoada não fossem por emquanto de tal ordem que me tiram o tempo e o espaço.

Não, minha senhora, não me aborreça a sua religiosidade. Em primeiro logar, porque a religião é um sentimento. E eu respeito e estimo o sentimento onde quer que elle se encontre. Em segundo logar, porque a religião tem a sua moral, que, como já o tenho dicto, é, no fundo, a minha moral. Em terceiro logar, porque a religião é uma tradicção, e não ha caracter individual nem caracter collectivo sem repousar na tradicção.

Eis aqui tres pontos interessantes sobre os quaes poderemos longamente conversar. Sobre elles lhe prometto no proximo domingo um estudo demorado. Hoje, não. E sabe porque? Porque é velho costume meu escrever esta carta de nenhures á sexta feira. E' a ultima coisa que eu escrevo no jornal. Ora chega n'este mesmo instante o director da typographia a dizer-me que já não ha espaço. Portanto ... ponto final. E' forçoso parar. E para que não succeda o mesmo no domingo, desde já lhe prometto escrever a primeira carta de nenhures no principio da semana.

C.

Não se afflijam

Escrevem-nos dois primeiros aspirantes de fazenda de Chaves a dizer-nos que não foram elles, da repartição de fazenda d'alli, que escreveram a carta, aqui publicada sob o titulo *Marque lá dois tentos que tem graça*, e assignada *um primeiro aspirante de fazenda monarchico ... até vêr*. E fazem muitos considerandos para provarem que ... não foram elles.

Não foram, não senhores, não foram. Não se afflijam. São os ex.mos srs. *João Antonio de Freitas e Feliciano Alves Ferreira*. Taes os nomes dos signatarios. Não foi nenhum de v. ex.as, é certo. E seria escusado v. ex.as incommodarem-se passado um mez (accordaram tarde, hão de confessar) se tivessemos publicado a carta que o *1.º aspirante de fazenda monarchico ... até vêr*, nos enviou logo a seguir. N'ella nos dizia que estando em Chaves de passagem, donde datava a carta, não pertencia, comtudo, á repartição de fazenda d'aquelle concelho, accrescentando que o famoso Sebastião Mesquita não era, afinal, escrivão em Oliveira de Bairro mas em outra qualquer parte. Estamos a escrever muito á pressa e não temos tempo para procurar agora a carta referida. Não a temos publicado por falta de espaço. E ella é interessante, como a outra. Havemos de publica-la. Mas suppomos que isto é o sufficiente para tranquillisar os ex.mos srs. João Antonio de Freitas e Feliciano Alves Ferreira.

Comprehendemos o seu legitimo receio. Em vindo a Republica ficamos todos á mercê de bandidos. Apesar de bandidote,—não chega a bandido,—é possivel que o Sebastião Mesquita salte a ministro. E toca a acautelar. Estar de bem com Deus e com o Diabo é regra de bom viver.

Pois com a nossa declaração ficam os dois ex.mos primeiros aspirantes da Repartição de fazenda de Chaves salvaguardados e ... habilitados.

Durmam tranquillos.

Zé Barbosa

Escrevem-nos tratando-o como ... *brazileiro*. Brazileiro é como quem diz: portuguez que residiu muito tempo no Brazil. E dizem d'elle:

A quadrilha republicana de cá tem, como é sabido, compadres no Brazil. Se começassemos a contar a vida publica dos pulhas de lá, teriamos columnas compactas do jornal cheias com as obras e os actos immoraes d'aquelles refinados *escrocs* e mariolões de má raça. A todos porém leva a palma um tal José Barbosa, guindado a jornalista no Rio de Janeiro, discipulo do gatuno Affonso Costa e muito estimado pela gentalha do *Mundo*. Este patife, que tem uma chronica relaxada desde os bancos da Escola Academica de Lisboa, não passa d'um ladrão finório, que roubou uma porção de dinheiro ao Jorge Collaço, em Paris, quando os dois ali se encontraram. E' deste calibre o biltre, o devasso, o miseravel que faz propaganda de moralidade republicana no Brazil, elogiando a quadrilha de cá e a quem o *Mundo* tece rasgados elogios!

Ha que rectificar. Elle não é bem discipulo do Affonso Costa. Ainda o Affonso Costa andava no 2.º ou 3.º anno de direito, já o Cunha e Costa, quintanista n'essa epocha, nos escrevia a dizer o diabo do Zé Barbosa. Mesmo porque, como discipulo, o Camacho não o quereria na *Lucta*. O Camacho, que já fez rasgados elogios ao *Trinta*, não acceita discipulos na *Lucta*. Acceita só mestres.

Coitado do pobre Camacho, que o vemos tremido no seu pedestal de ... *pulha de bem!*

DIGNO DE ATTENÇÃO

Ha pouco, ainda, publicámos, aqui, umas communicações recebidas de Lisboa sobre os maus tratos dados pela actriz Emilia d'Oliveira a um filho do França Borges. Como então dissemos—os leitores devem estar lembrados—antes de publicarmos os communicados pedimos para Lisboa a pessoa competente, da nossa absoluta confiança, que nos fizesse o favor de averiguar sobre as revelações transmittidas. Esse nosso amigo respondeu-nos que era verdadeiro quanto nos communicados se dizia.

Esta semana recebemos a carta que se segue, onde toda a gente sentirá vibrar a sympathica e amorosa affectividade da mulher:

Sr.

Servimo-nos do seu apreciado jornal para lhe pedir uma obra de caridade.

Com a sua vigorosa palavra de justiça, poderá talvez V. adoçar a sorte d'uma infeliz creancinha. E' isto: O sr. França Borges tem um filho pequenino (4 annos talvez) que não sabemos se tem ou não mãe. Se tem, a pobre mãe ignora talvez que a creança é maltratada.

França Borges confiou-o á amante, a Emilia d'Oliveira, actriz do D. Amelia, e essa mulher maltrata horrivelmente o pobre innocentinho, como todos os que assistem aos ensaios viam. Anda sempre com a creança por toda a parte, mas bate-lhe, puxa-o, martyriza o pobre innocente sem mãe!

Já uma alma caridosa preveniu França Borges dos maus tratos da megera. Elle não fez caso. Que homem! Que pae!

Por amor d'uma creança recorremos a este meio bem anthipatico na verdade: o anonymo! Mas se nos nomeassemos, de que serviria? Mulheres sem força, limitamo-nos, por compaixão, a pedir a V., que dispõe de intelligencia, d'um jornal, e que é justo, queira tomar a defesa d'uma creança martyr.

Pelo que o bemdirão e muito gratas lhe ficarão duas suas leitoras e admiradoras.

Que homem! Que pae! Dizem as auctoras da carta, e muito bem.

Mas esse homem, mas esse pae, é o que na sua gazeta *chorou*, tempos infindos, a sorte do *orphão Albino abandonado*.

Mas esse homem, mas esse pae, é o que na sua gazeta atacou um negociante de Lisboa, *um franquista*, por reaes ou supposto maus tratos á esposa.

Mas esse homem, mas esse pae, que sendo casado tem amantes, que tem amantes da peor especie, que entrega os filhos ás amantes da peor especie, que deixa que as amantes da peor especie martyrisem os seus filhos—indefesas, tenras, innocentes creancinhas,—é o miseravel que nunca hesitou em penetrar na vida intima dos seus adversarios, para os submetter ao *estigma honesto* da canalha perversa ou estupido que o lê.

Mas esse homem, mas esse pae, é o que, n'outro dia ainda, ha um mez, se tanto, pedia castigo para certos professores da Casa Pia que davam palmatoadas nas creanças.

Mas esse homem, mas esse pae, é o que, n'outro dia, ainda, apontava ás iras do ministro da guerra um coronel d'um regimento d'infanteria por este ter dado uma bofetada n'um soldado, quando tem ao seu lado o Borracho, que corria á chicotada, á bofetada, a pontapé, por qualquer motivo, mas, sobretudo, **quando os apanhava a lêr jornaes republicanos,** os soldados dos regimentos que commandava.

Mas esse homem, mas esse pae, é o que tem ao seu lado o Cunha e Costa, que elle injuriou e insultou, ferozmente injuriou, atrozmente insultou, o Cunha e Costa que fugiu do Porto para o Brazil com uma amante, sem uma esmola, sem uma palavra de saudade, de piedade ao menos, para a mulher legitima e tres filhos que deixava entregues á mercê da sorte.

Quer dizer: mais uma vez se prova que esse pae, que esse homem é um **farçante, um bilontra, um miseravel repugnante.**

Foi avisado, dizem as auctoras da carta!

Foi, sim. E por todas as formas. Até por meio d'este jornal. O que, sabemo-lo muito bem, particularmente o irritou. Pois sabem as providencias que elle tomou? As unicas providencias que tomou? Foi levar a Emilia d'Oliveira a ser mais cautelosa *na escolha das pessoas que lhe entravam em casa*. Mais nada. Que ella continuasse ou não a martyrisar o filho, era-lhe ... indifferente. Comtanto que se não soubesse!

O miseravel!

Esperamos que as justiças de Lisboa, o sr. juiz d'instrucção criminal, comece a prestar attenção a este caso.

Não pode ficar uma creança de quatro annos á mercê d'uma megera e d'um pae sem coração.

Offende o sentimento publico. E offende a lei.

Um miseravel que todos os dias censura o juiz por este dignamente, muito dignamente, procurar descobrir os assassinos do rei e do pobre Nunes Pedro, submettendo ao mesmo tempo, brutalmente, infamemente, uma creancinha, seu proprio filho, a torturas physicas, moraes e intellectuaes como as que o *Povo d'Aveiro* vem verberando ha dois mezes, é duplamente culpado.

Ter contemplações com elle é uma affrontosa covardia, uma grande indignidade.

A nossa miseria social

D'um nosso prezado amigo, homem culto e intelligente, dos poucos que se inquietam com as miserias d'esta terra, e que, sobretudo, é um apaixonado amigo da instrucção, recebemos a carta que se segue:

Meu prezado amigo.

O caso que eu lhe vou contar soube-o hontem. E' revoltante, é nojento; por isso lh'o aponto para que V., no seu jornal, que hoje é uma força social, dê o devido castigo aos que, calcando aos pés a moralidade e o pudôr, assim prevaricam. Ahi vae a coisa em poucas palavras:

"Ha alguns annos foi transferido *de castigo*, do lyceu de Lisboa, onde era professor de historia e geographia, para Angra do Heroismo, o senhor Manuel Ferreira Deusdado. No dia 15 de dezembro do anno ultimo lia-se nos jornaes que este senhor fôra nomeado reitor do lyceu de Angra do Heroismo „.

Quer o meu bom amigo saber a causa da transferencia d'este typo?

Provou-se em processo disciplinar que aquelle conspicuo professor, quando chamava á lição alguma alumna mais bonita *se* ... Foi demais acusado de outras faltas egualmente ignobeis.

Um facto d'esta ordem em qualquer parte em que a moralidade e a dignidade não fôssem palavras vans, traria comsigo fatalmente a demissão do professor, ou quando menos a aposentação em seguida a um exame medico-legal, visto que o caso de Deusdado é muito provavelmente dos do dominio do medico alienista.

Ahi lhe deixo o caso, conscio que o meu prezado amigo não o deixará sem o devido correctivo.

Coimbra, 5-1-910.

O correctivo está dado. Não podiamos dizer mais nem melhor do que, em poucas palavras, diz o nosso prezado amigo. N'esta terra repetem-se os attentados e as vergonhas. Quando não são os republicanos são os monarchicos. Quando não são os livres pensadores são os clericaes. Quando acabará isto? Quando se resolverão monarchicos, republicanos, clericaes, livres pensadores a pôr de parte os ignobeis interesses de facção, o miseravel espirito de seita, e a proceder, senão inteiramente libertos de más influencias, que já não esperamos tanto, pelo menos sem praticar actos vergonhosos?

Que miseria! Que vergonha!

Confiamos no tempo. Ainda acreditamos em melhores dias para esta terra.

Eternos Bandalhos

Elles, coitados, bem querem! Mas nós é que não estamos resolvido a deixa-los levantar cabeça.

Mandam-nos de Santarem uma papeleta republiqueira em que os bandalhos reeditam contra nós a *formidavel accusação* de termos louvado Affonso Costa e Bernardino antes de os censurarmos!

Mas isso é a vossa definição, bandalhos!

A vossa definição de bandalhos, a vossa definição de pulhas, a vossa definição de malandros!

Por essa moral não ha senão justiça de moiro. Senão moral de quadrilha. Um homem *não foi ladrão antes de ser ladrão.*? Não se condemna, *porque não era ladrão antes de ser ladrão.* Um velhaco não praticou velhacarias *antes da primeira velhacaria?* Não se lhe lança o estigma de velhaco *porque não era velhaco antes de ser velhaco.* A prostituta era pura quando nasceu? Não se diz que é prostituta porque antes de ser prostituta ... foi honesta. Pelo menos, era pura quando nasceu! O assassino nunca matou, nem feriu antes de ... ferir e matar? Não é assassino, porque antes de ser assassino ... não era assassino.

Bandalhos! Bandalhos! E eternos idiotas! Repugnantes idiotas!

Nós nunca louvámos, já o provámos no *Povo de Aveiro* umas poucas de vezes, nem Bernardino, nem Affonso, nem ninguem, incondicionalmente. Ao mesmo tempo que louvávamos alguns actos de Bernardino, Affonso e quejandos, censuravamos-lhes outros tantos. Sem os termos ainda na conta de bandidos perfeitos, e sem os tratarmos ainda como taes, davamos-lhe, no emtanto, trepas formidaveis. Temo-lo provado dez vezes, em transcripções d'artigos da epocha.

Mas supponhâmos que os tinhamos louvado *incondicionalmente*. Que queria isso dizer? Que provava isso? Simplesmente que os não conheciamos ainda *taes quaes elles eram* ou *taes quaes vieram a ser*. Logo que os conhecemos, fizemos-lhes a justiça que mereciam.

Mas o bandalho de Santarem, e todos os bandalhos republiqueiros, é que não podem dizer o mesmo. O *bandalho*, o *malandro*, o *bilhostre*, o *pulha* de Santarem sabe perfeitamente que o Arthur Leitão é um escroc, um gatuno, um bandido, e trata-o como correligionario. O *bandalho*, o *malandro*, o *bilhostre*, o *pulha* de Santarem sabe perfeitamente que o Ribas de Avellar é um falsificador, que o *Trinta* é um latrinario, que o Padua Correia é um ratoneiro e um sujo frascario, que o Henrique Cardoso é um grilheta, que o Cunha e Costa é um cavalheiro d'industria, que o Affonso Costa *é tudo quanto ha*, e honra-os, exalta-os, aponta-os ao povo como sacrarios de virtude.

Seu pulha, seu safado, seu prostituto infame! Com que auctoridade abre você a bocca fedorenta? Como se atreve você a falar nos padres de Santarem?

Pois ha em Santarem algum padre ou alguem que tenha a desvergonha cynica, a audacia de gaiato impudico, a cara deslavada de ignobil prostituto que você tem?

Como se atreve você, seu monte d'estrume, ignominia viva, latrina ambulante, carregando com a responsabilidade d'um partido de ladrões, d'assassinos, de canalhas, de grilhetas, de reptis, de monstros, a invectivar ninguem?

Só queima-los a fogo lento!

Fuzilar estes bandidos seria pouco. A justiça só ficaria satisfeita, a especie humana só ficaria redimida sujeitando-os a todos os martyrios.

Bandalhos! Refinadissimos tratantes!

Saltimbancos! dentistas de feira! charlatães!

Ignobeis charlatães!

Como já dissémos, Cunha e Costa veio a Aveiro tentar justificar com a vida de José Estevão a sua vida indecentissima.

Ora querem mais uma nota caracteristica do feitio d'esse palhaço? Querem mais uma prova das suas intrujices? Querem ver, novamente, o valor d'esse charlatão? Querem-se convencer de que não passa, como dissémos, d'um reles *pierrot*?

Então ahi vae.

O mariola *fingiu* que estava proferindo uma oração de momento, um improviso. Convenceu d'isso toda aquella malta d'imbecis que o ouviam. Affirmou mesmo cathegoricamente que era um improviso.

Ha vinte annos, disse, que tinha envergado aquella casaca, n'aquelle mesmo theatro, pela primeira vez.

A'quella cabeça acudiam turbilhões d'idéas. Elle queria falar muito, mas não podia.

Estava a dar a hora. Tinha só tantos minutos! Iam outros oradores falar! Senão, diria, faria, aconteceria! Parava, no meio do discurso, a recordar idéas! Fechava os olhos! Batia na testa! De repente lembrava-se! Ah, lembrava-se! Sim, era aquillo! Não era aquillo! Era assim, era assado! E os palermas da plateia murmuravam enthusiasmados: *que fluencia! Que inspiração! Que vocação!*

Pois querem saber?

O mariola esqueceu-se do discurso no trem que o conduziu. O discurso foi parar a mãos estranhas. E folheando a papelada viu-se que era textualmente, sem faltar uma palavra, uma virgula, o que elle, **d'improviso,** tinha dicto ... no theatro!

Isto não é *blague!* Creiam os leitores que não é *blague*. Não somos homem de *blagues*. Estamos dizendo, seriamente, muito seriamente, a verdade!

O mariola nem sequer fez o que faz qualquer orador mediocre: tomar notas e sobre as notas bordar o discurso. Não senhores. Escreveu-o inteiramente. Escreveu-o no primeiro dia em que foi convidado. E desde esse dia o decorava.

Ora tomar notas, e ler notas, é tudo quanto ha de mais honesto e correcto. Escrever o discurso e lêr o discuro é, ainda, tudo quanto ha de mais honesto e correcto. Decorar o discurso, é um direito incontestavel. Mas escrever o discurso, decorar o discurso, e mostrar, e querer convencer, e dizer que *é um improviso*, só d'um dentista de feira, d'um charlatão, d'um intrujão, como o Cunha e Costa.

Intrujões, todos! Comediantes! Despreziveis palhaços!

Que crime terá commettido a democracia no mundo para ser assim, em Portugal, tão castigada?

O preço do POVO DE AVEIRO avulso é de 20 réis

DE LISBOA

3 de janeiro.

E' decorrido um anno desde que o Grandella,... perdão, desde que o Makaveuco abandonou a direcção dos destinos d'este pobre paiz, sem que os Poderes do Estado tivessem avançado um passo, para que a crise moral que ameaça subverter este povo que possue todas as condicções de existencia, seja atenuada, quando de momento não podesse ser dominada.

Succederam-se os governos, o director do *Povo de Aveiro*, (é de justiça dizel-o) fez vibrar a alma nacional por todo o paiz, desmascarando embusteiros; e mostrando á luz do dia as chagas dos lazarentos que se apresentavam como redemptores, conseguiu o que jámais alguem podia prever: que letrados e analphabetos vissem claro e se estabelecesse a corrente contra os falsos profetas, que qualquer estadista mediocre não desprezaria para limpar a sociedade portugueza do escalracho que a corrompe e a não deixa progredir. Gastam o tempo a falar em crise financeira, porque o erario vazio os incommoda.

Como se algum medico debelasse doenças combatendo symptomas, o politico portuguez, no governo, no parlamento, nos meetings e na imprensa, e até nas conversas particulares, por ser complexa, por não ter conhecimento d'ella ou por não a comprehender, colloca em segundo plano a fonte de todos os males, a unica crise: *a crise moral*. Comprehende, porque sente, a falta de dinheiro; mas porque o dinheiro é palpavel serve bem o reclame partidario e a pyrotechnia politica tem na ausencia d'elle um dos mais mirabolantes elixires; mas no que ninguem pensa, do que ninguem quer saber é de que por ser sublime não pode ser reduzido a orçamentos que augmentam receitas ou diminuem despezas, expediente ao alcance de qualquer marçano. O que até para o pedantismo intellectual é secundario, é que nem toda a despeza é desperdicio nem toda a poupança é economia; porque pouco lhe importa que para haver dinheiro seja preciso haver credito e o credito sem virtude não pode existir.

Esta grande verdade, que todos sentem nos actos da vida particular, quer se trate do lojista ou do grande negociante que não fia a toda a gente, quer do proprietario que adquiriu por herança e precisa muitas vezes de dinheiro para as despezas particulares ou para explorações agricolas antes de ter trocado os generos por dinheiro, avoluma-se na administração publica, sempre accessivel aos audazes e aos ambiciosos, aos quaes em homenagem a uma democracia falsa, ninguem pede attestado de bons costumes. N'esta epoca em que vivemos em Portugal, o homem de bem, isto é: o homem de escrupulos, o homem de virtude: é um inutil, é um *empata*. Reciprocamente: o homem *libaral*, o progressivo, o *salvador* é o desorientado, o corrupto e o que não deve roubar ... para maior ser o quinhão d'aquelles que, por espirito tolerante, consente que sejam ladrões.

Esta é a orientação modernista do politico *libaral* portuguez traduzida em poucas palavras; e a origem da intolerancia dos mais avançados e a de todos os males que affligem o paiz.

Na carta anterior manifestámos a esperança de que o actual governo enveredaria pelo caminho em que o partido de que proveio colaborou com o governo parlamentar de João Franco, embora o vejamos presidido pelo sr. Beirão que é geralmente tido como um *empata*.

Corresponderá á nossa espectativa? Ainda é cêdo para o julgar; mas se o sr. José Luciano quizer, mesmo sem pernas, com a habilidade de Raku da politica que tem provado, pode desembaraçar-lhe o caminho. Mais dois golpes de Jiu Jitsiu e o paiz fica limpo; ... Homem Christo moe os discolos primeiramente, desbasta-os, tira-lhes as resistencias e offusca-lhes o entendimento; principalmente os republicanos sentem-se *mareados*, como se diz em phrase tauromachica. Um golpe ao estomago e a choupa como recurso extremo e... o paiz fica livre. Então sr. Raku?! Vamos ...!

*

Os successos da semana mais importantes foram picarescos e dos que revelam a orientação dos mentalisadores do povo portuguez.

Entre elles notamos: a recommendação do nome do sr. Teixeira de Sousa á chefia do partido regenerador e as lagrimas que elle tem vertido pela retirada do sr. Julio de Vilhena que sempre fomentou; as arremettidas do sr. Alpoim contra a Corôa emquanto pensou que o publico não ria do seu tartufismo e que o Rei lhe mandaria o perú do Natal com um bilhetinho, solicitando-lhe a crassa ignorancia para o salvar a elle e ao paiz. Como não recebeu o perú nem o bilhetinho constrangeu-se, enroscou-se mais uma vez, deu satisfações ao Affonso Costa e offereceu-se de novo ao Rei; mas acima d'estes ridiculos está a voz do tumulo, a resurreição de um morto talvez, que segundo alguns tambem dizem, ficou gravada nos gramofones Affonso Costa e no Souteneur! São estes inclitos varões que fazem troça de alguem ser ministro duas e trez vezes de diversas pastas em curto lapso de tempo sem preparação para nenhuma d'ellas; são estes dois homens que vão ao *campo da honra* e ainda encontram quem lhes *dê tréla!* Como isto é torpe; como isto é ... trampa.

Dos successos que não podem ser levados a piparote e exigem ponderação, temos o caso da explosão em um predio de cinco andares da rua de S. Julião e o procedimento da imprensa que *mentalisa*. Pouco depois da meia noite, ha alguns dias, sentiu-se em differentes pontos da cidade uma detonação formidavel, nós mesmo a muitas centenas de metros do predio em que ella se deu a ouvimos; corremos á janella e por vêr que muitos transeuntes se dirigiam para a baixa, sahimos tambem para vêr. Seguimos na corrente e em breve estavamos defronte do grande predio. Pisavamos vidros, pedaços de madeira e o predio não ardia. Parecia-nos que a hipothese do estampido ter sido produzida por uma explosão de gaz, estava posta de parte.

Esperavamos que a imprensa nos illucidasse no dia seguinte sobre se a explosão tinha sido casual ou criminosa, e retirámos.

Pois qual o nosso assombro quando, no dia seguinte, ao pegar na *Lucta*, vimos que se attribuia a explosão ao gaz; no que foi seguida pela maior parte dos jornaes incluindo alguns monarchicos, o que nos traria a confirmação da ausencia de proposito criminoso, se o houve, se ha muito não estivessemos prevenidos contra as noticias que os *ratos da imprensa* levam ás redacções e costumam ser estampadas sem critica e sem exame dos redactores principaes ou com o consentimento d'elles. Estes *ratos* teem obrigação de rabiscar mas não de pensar. Como *roem* pouco, a noticia que um faz serve para os outros, sem muitas vezes pensarem que podem servir interesses inconfessaveis. Isto porem n'este meio pouco tem de extraordinario mas o que é extraordinarissimo é que os leitores dos jornaes reproduzissem a noticia nas conversas particulares, e só um ou outro capitulasse, quando alguem, tambem em conversa, lhe fazia vêr a asneira que tinha acabado de dizer.

Não sabemos se houve ou não proposito criminoso. Que a explosão se deu e não podia ter sido provocada pelo gaz é que é evidente. Pode-se admittir que D. Carlos tivesse morto o filho

D. Luiz e que este tivesse morto o pae, ou, como quizerem, que o primeiro a morrer tivesse sido D. Carlos ou mesmo que se tivesse realisado uma scena identica á dos grilos do padre Patagonia, que se comeram um ao outro; mas que se queira dizer que em uma sala se accumulou gaz com a pressão sufficiente para rebentar os tectos do 2.º para o 3.º andar e o d'este para o 4.º, que fendeu as paredes e rebentou portas e caixilhos não só do predio em que se deu a explosão mas tambem do predio fronteiro, separado d'aquelle por uma rua larga, sem que antes de tanto destroço, não tivesse havido equilibrio de pressões, não tivesse rebentado a canalisação do gaz nas ruas e nas paredes, quando a pressão fosse excessiva e a não tivessem notado na fabrica; e sobre tudo, sem que o lume lhe tivesse repentinamente augmentado a força expansiva . . . para cá não pega. Não sabemos se houve intenção criminosa, mas os jornaes republicanos e alguns monarchicos é que querem fazer suspeitar que realmente a houve. A explicação do gaz é simplesmente tola, porque contraria as leis physicas; o facto dos *peritos* bombeiros terem dito, se é que o disseram, *que foi gaz,* é egualmente tolo, porque os srs. bombeiros, muito competentes para apagar incendios, não teem capacidade, como bombeiros, para averiguar do facto, onde não houve fogo; e saber se o cheiro a gaz que notaram lhe denunciava o agente da explosão ou a consequencia d'ella. A imprensa, dizendo que houve montagem de canalisação para gaz onde se deu a explosão, quando a Companhia do Gaz diz que não houve tal montagem, e revestindo o facto com explicações asnaticas que ninguem lhe pede, faz suspeitar que os auctores do regicidio, que apresentam o Buissa e o Costa e outros como victimas innocentes dos *clericaes* e do *suicidio* de Cascaes e das bombas nas Igrejas etc. ainda por ahi andam semeando o terror, ou escondendo os restos com que tencionavam dynamitar a capital em 28 de janeiro de 1908. Em Lisboa não ha garantias individuaes. Desde que o Makavenco proclamou a necessidade de *deixar correr* tudo ao Deus dará, até a policia que antigamente era brutal como mais ou menos em toda a parte, perdeu esta feição por vezes apreciavel, para se transformar em uma corporação cheia de blandicias e obzequioza, que não vê nem ouve, nem de nada quer saber.

A culpa de tudo isto pertence sem duvida á imprensa. Se ámanha os provincianos e os estrangeiros deixarem de vir a Lisboa para não serem estoirados em alguma rua, e consequentemente os hoteis ficarem desertos, as lojas passarem a vender menos e o porto deixar de ser concorrido por vapores, por não terem passageiros nem carga para transportar, começarão os tropos no parlamento e nos meetings e os periodos redondos nos jornaes, attribuindo tanta desgraça . . . ao regimen e aos clericaes.

Mas que lhes importa a ruina do paiz, que lhes importa que o commercio perca se a Associação Commercial quer foro especial para a escripta do negociante e a Associação dos Lojistas é republicana e implicitamente apoia a dynamite? Não foi esta associação que deffendeu o que vendeu a arma do Buiça? Não foi esta Associação, com os caixeiros do sr. Grandella e poucos mais, duzentas pessoas o maximo segundo nos disseram, que no dia 1 foi ao Paço do Pelourinho, á recepção de S. M. Pepino, prestar homenagem á Camara Municipal, á administração mais *chata* que Lisboa jámais viu?

Agora é moda. Estão em uso os *gestos*. E' já um logar commum. Pois a Associação dos Lojistas merece tambem um *gesto* . . o que o *frontão* lhe tiver suggerido.

Ignotus.

Levemente

Vae n'outra parte um artigo, transcripto da *Soberania do Povo*, que nos levou a modificar a tremenda trepa que já estava forjada contra o sr. Eugenio Ribeiro.

Vá lá, sem exemplo!

O sr. Eugenio Ribeiro é pateta. E é pateta porque devia estar farto de saber *quem nós somos*. Nós não somos pessoa que deixemos impune o minimo aggravo. Primeiro. E não somos pessoa que tenhamos medo seja do que fôr, segundo. Ora o sr. Eugenio Ribeiro, começando por se tornar solidario com uma escoria abjecta que ahi se revolve na lama, acabou por nos dirigir, da sua lavra, uma accusação calumniosa. Não era preciso mais para que sahissemos a campo.

Tinhamo-nos limitado a publicar as informações de Agueda. Ainda não tinhamos entrado directamente em scena. Quando nós entrassemos, e iamos fazel-o hoje, era peor. Mas como veio o artigo do senhor Conselheiro Albano de Mello, e como resolvemos acceder ao seu desejo, não passaremos, até vêr, d'estas simples palavras.

O sr. padre Oscar d'Aguiar deixou provada a parte capital da accusação feita ao sr. Eugenio Ribeiro. Por outro lado o sr. Eugenio Ribeiro dizendo que fazia, com um cavallo marinho, assim e assado, a quem apparecesse em Agueda a assumir responsabilidades das accusações que alli lhe eram feitas, deixou de parte o cavallo marinho e o sr. padre Oscar d'Aguiar. Que resta? Nada.

Se o sr. padre Oscar d'Aguiar precisar das columnas d'este semanario para dizer ainda alguma coisa ao sr. Eugenio Ribeiro, se este senhor o atacar, é claro que ficam ás suas ordens. Por nós, transcrevendo a carta que o sr. Jayme Ribeiro publicou em tempos no *Jornal d'Agueda*, e que é a melhor resposta á sua ultima carta, nada mais diremos. Se circumstancias excepcionaes, comprehende-se, não nos forçarem ao contrario.

Segue a carta do sr. Jayme Ribeiro, que sahiu no n.º 7 do *Jornal d'Agueda* de 15 de fevereiro de 1908 e que visa directamente seu filho.

Creio que não está feita a historia, — e não sei mesmo se chegará a fazer-se, — d'este drama sangrento, que commoveu e excitou todos os paizes, mesmo os mais democratas. E nem admira que assim succedesse. Caçadas assim nas ruas d'uma capital, em que os caçadores só atiram, e escolhem *caça real*, não se vêem felizmente todos os dias. Attentados selvagens como este, em que se matam homens, para se matar um regimen uma instituição, não é um facto vulgar como era entre nós, na minha terra, a imitação do drama doloroso do Calvario.

O drama doloroso do Calvario, e o drama pungentissimo da rua do Arsenal! N'aquelle a mãe divina chora a morte ultrajante, mas prevista e necessaria, do filho amado; n'este a mãe, a esposa chora a morte imprevista, quasi simultanea, do filho estremecido, do esposo adorado, mortos impiedosamente a seu lado, e a vêr-lhes correr o sangue, que a salpica; e, como se fosse pequena esta tortura, a esperar que lhe matem o outro filho! Esta é uma das *dores fundas, agonias lentas, drama pungente, que ninguem consola*, como disse o desditoso poeta Casimiro de Abreu. E alanceada por esta suprema dôr, por esta suprema angustia, que admira que a mãe, e esposa, cobrisse com o seu corpo os corpos de seus filhos, de seu esposo, para os defender contra os assassinos?

Não encontro heroicidade n'esta defeza de mãe e d'esposa. O que este acto de abnegação traduz claramente, é o seu affecto, o seu requintado amor pelos filhos, e pelo esposo. Haverá mais, esposas, com o mesmo intenso amor da inconsolavel senhora, que não fizessem o que ella fez? Não creio.

Como ella desejaria, pobre senhora, ser de preferencia alvejada pelas balas do Buissa e do Costa!

Evidentemente entrava no *complot* dos assassinos (digo dos *assassinos)* exterminar a familia real; deixavam a rainha para o fim, para que ella soffresse mais, vendo morrer todos os entes mais queridos? Chegaria a tanto o requinte de ferocidade do Buissa & C.ª? E a proposito: eram republicanos os assassinos?! Parece que nem sobre as suas idéas politicas nem sobre as suas ligações se quer fazer luz. Quem armou os braços dos selvagens assassinos? A vingança? O amôr da Patria? O triumpho d'um ideal? Não foi a Dictadura, e o assassino foi o Dictador!

Buissa e Costa são hoje ainda regicidas, mas ámanhã serão martyres, a quem se deverá erguer um monumento.

Já hoje se dão a suas familias confortos que se negam a desgraçados, que, d'um momento para o outro, um incendio deixa sem eira, nem beira, *e assim se vão animando outros a completarem a obra de Buissa & C.ª.*

* * *

Se alguma vez me dominou a curiosidade foi agora. Estava ancioso por saber se o semanario republicano, *Independencia d'Agueda*, de sabbado ultimo, apparecia risonho e contente, como risonhos e contentes andavam no dia 2 os seus dirigentes, sendo assim o espelho fiel dos seus espiritos alegres, ou se, pelo contrario, apparecia tristonha, macilenta, um pouco sentimental.

Peguei n'ella com avidez; mirei-a, remirei-a, li-a, reli-a, e não encontrei uma linha, uma phrase, uma palavra, um traço, que podesse dar-me a ideia nitida da impressão que em tal jornal produziu o attentado selvagem do dia 1.º!

Ah! Havia n'ella a mais um ponto d'interrogação.

Narração laconica e parcimoniosa do attentado, como se descrevesse apenas o desastre em algum carro, ou automovel, a opinião de dois illustres correligionarios, e uma carga sobre o Dictador, e sobre a policia. *Mas nem uma palavra de reprovação* — não vão outros regicidas em preparação esmorecer, e malquistar-se —, *nemhuma phrase de condolencia* para a mãe---já não digo para a esposa ---, a quem, assassinos sem coração, matam o filho adorado, puro de qualquer macula politica---não vão os correligionarios achar os dirigentes da *Independencia* demasiado sentimentalistas!

Eu não esperava que fizessem, e dissessem como o poeta: ---*Mon coeur est plein, je veux pleurer.* Mas esperava que, corações novos, vivendo da ternura e affeição da familia, e d'entes queridos, se não mostrassem insensiveis *de todo* a essa grande e pungente dôr d'uma senhora, que inesperadamente, vê matarem-lhe em volta de si o filho e marido. Os que se mostram insensiveis a esta suprema dôr maternal, não podem ter coração reconhecido para as ternuras e affectos de familia. Estão bem ao pé do padre que no dia 2 de manhã, dizia nas ruas de Agueda, por entre risadas alvares: *Aquelles ja lá vão: guando irá agora o João?* Ahi tem a *Independencia* um digno collaborador, talvez agora contricto e arrependido da gnerra que já lhe fez outr'ora.

Então o ideal republicano dos rapazes d'agora não pode viver em cordeal convivencia, paredes meias, com os sentimentos de generosidade, de doçura, de piedade, de compaixão, que fazem os homens compassivos, uteis e bons e que sempre nobilitaram os que mostram possui-los?! Infelizes familias, as que teem no seu seio taes rapazes, porque, cêdo ou tarde, a diversidade de crenças politicas, o antagonismo de principios, as separará: falta-lhes a base fundameutal de todas as sociedades humanas---o mutuo amor a confiança reciproca.

* * *

Creio que ainda se não abriu subscripção para erigir um panthéon aos dois celebres scelarados Buissa e Costa, que, dentro de pouco tempo, figurara na folhinha republicana como martyres, ---nem se promoveu crear um premio para o *heroe* que exterminar a familia real portugueza: estará reservada esta dupla gloria á *Independencia de Agueda?!...*

O futuro o dirá.

Agueda, 11 de fevereiro de 1908.

Jayme Ribeiro.

Provincias

Pedrogão Grande

E' verdade que o sr. Antonio Jacintho David, que dá pela alcunha de o "azedo„ homem dotado d'uma rara capacidade, tanto physica como moral, não tem poupado pessoa d'alguma respeitabilidade, nas suas conspicuas e esterqueiras noticias no "Cornetim da Margarida.„ No numero 3287 de 25 de Dezembro vem uma noticia publicada na "Corneta„ e assignada por um "pedroguense„, mas sem fundamento n'aquillo que se passou e fallou e sem sabermos quem seja o seu tão abandalhado auctor. Diz esse "fulano„ que o sr. Manuel Rodrigues mandou um escripto para a "Mala da Europa„ e que o director não a publicou, simplesmente pelo jornal não ter cor politica alguma e porque desacreditaria o seu jornal no extrangeiro para onde tem maior tiragem, propondo-se arranjar um jornal que l'ha publicasse. Tambem diz que escreveu para o "Diario de Noticias. Ora isto é uma mentira, mas basta dizer que os republicanos só vivem da mentira, da calumnia, da intriguice e de tudo quanto é mais baixo e cheio de ralé e podridão para ficarem classificados no ultimo extremo. Diz esse "pedroguense„ que o sr. Rodrigues desceu ao mais baixo pasquim para lhe publicarem a sua pifia e nojenta noticia, mas fique sabendo seu "pedroguense degenerado„ que pasquim é o "Cornetim da Margarida„ e as suas noticias é que são pifias e nojentas que insultam pessoas mais serias do que você (seu pedroguense) e do intriguista e insultador "azedo contrabandista„.

E' pena que não houvesse mais dois ou tres jornaes como o *Povo de Aveiro*, porque então o chamado partido republicano portuguez, que não passa d'uma intrujice, estaria mais abandalhado, mais esfarrapado e não chegaria a patear o symbolo Augusto da patria.

Envergonhem-se srs. republicanos, que se prezam de ser democraticos e moralisadores e amigos da sua Patria!

Mas porque pateiam os srs. a bandeira? E' por representar o rei? Sempre são uns grandes idiotas!

O sr. "Azedo contrabandista„ é o chefe do partido republicanalho de Pedrogam o qual é composto d'uns republicanos desleaes e d'umas creançolas sem a minima importancia e consideração.

A' ultima hora soubemos que foi dirigido um requerimento á Camara assignado por varios individuos,, perguntando com que direito se apossou o sr. Antonio Jacinto David, d'um quelho publico que não lhe pertencia. Hein! Olhem que esta é bôa, á ultima hora tornou-se ladrão de quelhos! sáfa! que estamos mettidos com um quadrilheiro republicano!

—Não desejando abusar do precioso espaço do *Povo de Aveiro*, hoje fico por aqui e para a semana trataremos d'uma celebre administração, feita pelo grande republiqueiro, quando a phylarmonica d'esta villa, teve a infelicidade de o ter como thesoureiro.

—Porque que é que tu meu fanfarrão ainda não respondeste ás accusações que aqui te foram feitas?

E' facil a resposta: ellas são a expressão genina da verdade. São verdades irrefutaveis; causaram-te emgulho.

E's um covarde!!

Um leitor assiduo do "Povo de Aveiro.„

COMMUNICADO

Aos ex.mos srs. ministro do reino e director geral da Instrucção Primaria

O professor de Bemlhevae e o sub-inspector de Moncorvo

I

Vão decorridos tres mezes após a reabertura das escolas d'instrução primaria. As creanças affluem a ellas, de sacola na mão, prazenteiras e saltitantes como passaritos. Não admira: vão alli buscar o pão do espirito a trasbordar d'alegria. Isto por toda a parte, menos em Bemlhevae, concelho de Villa Flor, no attinente ao sexo masculino, cuja escola, ao invez das outras, reabriu sómente para o respectivo professor, José Joaquim Rodrigues, receber o ordenado, immerecido, porque não trabalha, a renda da casa da habitação, que é sua, e o expediente e limpeza da escola, dispensaveis, visto que esta não tem movimento.

Os chefes de familia sabem pela triste experiencia de muitos annos que a seus filhos nada aproveita a frequencia da escola da freguezia. Por isso os não mandam lá. Preferem as escolas das povoações visinhas com insano trabalho e grave perigo da saude das creanças, assim expostas ao sol ardente, á chuva e vento frios dos caminhos asperos e longos em demazia para pernas tão tenras e debeis; ou, quando teem quem lh'o ministre, o ensino particular á custa de sacrificios pecuniarios que as suas magras bolsas mal comportam. E quantos para isto não roubam á boca um pedaço de pão?!

E' duro este estado de coisas, senhor ministro do reino! E' intoleravel, senhor director geral! E' mais do que isso: é uma extorsão feita á freguezia de Bemlhevae— que tem de mendigar para seus filhos a instrucção nas escolas visinhas ou abrir os cordões á bolsa— e ao Estado que está pagando a quem vota aos deveres do seu cargo o desprezo de que fallaremos na proxima semana.

Bernardo José Affonso Gonçalves.

Novo Hotel Portelense

Largo do Loureiro, junto á estrada que vem de Cuba a PORTEL

Este novo hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais aprazivels da villa. Recommenda-se pela seriedade e acei do tratamento.

Automovel

BAIARD, de 4 cylindros, capota, tejadilho, pneumaticos e capa, força de 30 cavallos, completomente novo e elegante, arremata-se em Albergaria-a-Velha, em 9 de janeiro, no valor de 1:600$000 réis, menos de metade do seu custo.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.
Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 108; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento, 102 a 104; Kiosque Flor d'Esperança, rua D. Carlos I. F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 108.
PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Kiosque da avenida superior da ponte de D. Luiz I; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256; Carlos Alberto Guimarães, Rua Formosa. 251; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.
Mattosinhos—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100
Coimbra — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto.
Alcobaça—Antonio Vazão.
Gouveia—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp
Leiria—Jayme Monteiro.
Portalegre—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.
Vendas Novas—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino.*
Setubal—Manuel Tavares.
Arronches—Miguel Maria.
Espinho—Kiosque Reis.
Moita do Ribatejo—João Baptista Mouro.
Vizeu—Kiosque do Rocio.
Chaves—Annibal de Barros.
Villa Real — Agencia de Publicações de Antonio de Neutel C. da Mesquita.
Villa Velha de Rodam — Antonio da Cruz Pinto.
Mangualde — Bento d'Almeida Campos.
S. Thiago de Cacem—Joaquim Gervasio.
S. Pedro do Sul—José Augusto d'Almeida.
Fáro—Francisco Matheus Fernandes.
Evora—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.
Cascaes—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.
Villa Nova de Baronea—José Custodio Figueiredo.
Cortegana, Alemquer—João dos Santos Pereira.
Reguengos de Monsaráz — Antonio João da Cunha.
Paderne—Algarve—Antonio Anacleto d'Oliveira,
Torres Novas—João Rodrigues Sentieiro.
Amareleja—Moura—Manuel Frade.
Castello Branco—Vende-se pelas ruas.
Montemór o Novo—Fortunato Reinato.
Tondella—Mario do Carmo.
Pedrogam Grande—Adelino Lourenço. dos Santos.
Idanha a Nova—Christiano Pereira Barata.
Guimarães—Antonio Araujo Salgado.
Braga—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24.
Taboa—Francisco da Costa Carvalho.
Monsão—João da Silva Guimarães.
Figueiró dos Vinhos—José Miguel Fernandes David
Pinhel—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres
Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122.
Lamego—Joaquim Valente.
Castello Novo (Beira Baixa) João Pereira dos Santos
Elvas—Luiz Samuel da Silva.
Povoa—José Couto Segundo,
Agueda—Eduardo dos Santos Trinta.
Covilhã—João Pereira Saraiva.
Figueira da Foz—João Palhas, Mercado n.º 8.
Santa Cruz da Graciosa—Antonio Ernesto Esteves.
Fundão—Manuel Gonçalves Anacleto.
Guarda—José Antunes Figueiredo.
Cadaval—Antonio Lopes Leal.
Sobral de Mont'Agraço—Arthur Carvalho.
Moura—José F. de Lima Junior.
Macieira de Cambra—Domingos d'Albergaria
Alcochete Joaquim Valentim
Santarem Vende-se nas ruas
Cezimbra—Antonio José Pereira.
Angeja—José Maria Martins dos Santos.
Castello de Vide—Antonio Lourenço Veliz.
Villa do Cano—Antonio Martins Florentino.
Serpa—Celestino Alhinho,
Louzã—Adelino P. Erse.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Centro de Publicações de Giudorenzo, Schettino, Travessa do Ouvidor.
Manaus—Agencia Freitas.
Belem do Pará—Centro de Publicaç[illegible].

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
— DE —
Albino Pinto de Miranda
LARGO DE MANUEL MARIA
AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS. A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.
SUCCURSAL
383—Rua Formoza—385
[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

Typographia a vapor
DE
O POVO DE AVEIRO

TRABALHOS COMMERCIAES

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria
AVEIRO

Proprietario-Gerente
ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:
Hotel Cysne—AVEIRO